



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

João Pedro Ferreira Vilão

NO PRINCÍPIO ERA O “LIVRO”. UMA ABORDAGEM
CURRICULAR DOS MANUAIS ESCOLARES DE
GEOGRAFIA DO 8º ANO

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Geografia, orientado pela Professora
Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro apresentado ao Conselho de Formação
de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

JUNHO de 2023

FACULDADE DE LETRAS

NO PRINCÍPIO ERA O “LIVRO”. UMA ABORDAGEM CURRICULAR DOS MANUAIS ESCOLARES DE GEOGRAFIA DO 8º ANO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	No princípio era o “Livro”. Uma abordagem curricular dos manuais escolares de Geografia do 8º Ano
Autor/a	João Pedro Ferreira Vilão
Orientador/a(s)	Maria de Fátima Grilo Velez de Castro
Júri	Presidente: Doutor Bruno Manuel dos Santos de Castro Martins
	Vogais:
	1. Doutor Paulo Nossa Maia de Sousa Nossa
	2. Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro
Identificação do Curso	2º Ciclo em Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	
Especialidade/Ramo	
Data da defesa	29-06-2023
Classificação do Relatório	13 valores
Classificação do Estágio e Relatório	14 valores

1 2 9 0



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradecimentos

Quando chegamos ao fim de um trabalho desta envergadura é uma enorme sensação de orgulho que nos invade. Apesar de ser um processo que acaba por ser solitário, a realização deste trabalho nunca seria possível sem o apoio e contribuição de diversas pessoas. Nesse sentido, gostaria de agradecer a todos os que me ajudaram ao longo deste percurso, que nem sempre foi fácil, desde o início desta aventura.

Em primeiro lugar, estas palavras vão para o papel fundamental dos meus orientadores tanto da faculdade, Doutora Fátima Velez de Castro e pelo processo iniciado em 2014, a Doutora Adélia Nunes, quer da escola onde efetuei o estágio o Dr. João Fernandes, que mesmo nesta fase ajudou-me imenso na elaboração do relatório, que pela disponibilidade, incentivo, simpatia, amabilidade e palavras de conforto.

À minha namorada, é impossível encontrar palavras para descrever a ajuda e o incentivo que me deu ao longo deste ano, nem sempre fácil, mas com o sentimento que a recompensa ia aparecer e todo o esforço iria valer a pena, foste peça fulcral e sem ti não teria voltado a estudar, muito obrigado. À minha família, foram de uma ajuda fundamental, todas as palavras de incentivo, conselhos e algumas chamadas à razão foram fundamentais neste processo.

Aos meus amigos de sempre, os de Vila Pouca pelas palavras de incentivo e de brincadeira que me fizeram acreditar que seria possível, aos meus amigos da Tertúlia da Velha Cabra e aos amigos que fiz na faculdade também fundamentais para o término deste mestrado.

Por fim, e não menos importante um agradecimento especial à minha amiga Leonor por todas as correções, por estar disponível em todos os momentos para corrigir o meu trabalho e mostrar onde deveria melhorar e pela importância que teve neste processo.

A todos vós, o meu mais sincero obrigado.

RESUMO

No princípio era o “Livro”. Uma abordagem curricular dos manuais escolares de Geografia do 8º Ano.

A Geografia deve ser considerada como disciplina essencial para a formação de cada ser humano. A formação inicial de professores tem o carácter de formar professores e dotar de capacidades pedagógicas.

Este trabalho trata essencialmente de um relatório final de um estágio pedagógico, a sua importância não deve ser descurada e, por isso, o primeiro capítulo irá abordar a prática pedagógica desenvolvida por mim ao longo de um ano de estágio, este realizado em 2014. Onde foram abordados todos os momentos do estágio, desde a caracterização da escola, das turmas, dos alunos, e, por fim as atividades letivas e extralectivas.

O tema seguinte abordado é o currículo de geografia. Evolução e análise programática contemporânea, em que é dado a conhecer o desenvolvimento do currículo de geografia em Portugal, desde a Carta Internacional de Geografia que serve como base para o desenvolvimento tanto das Orientações Curriculares que, por sua vez, deram lugar às Metas Curriculares e por fim às Aprendizagens Essenciais.

Como este estudo é comparativo sobre os manuais escolares de Geografia de 8º ano, é inevitável que tenha sido feita a comparação entre o currículo e o manual que foi lançado este ano, já com as Aprendizagens Essenciais em vigor.

O trabalho não poderia ter apenas uma componente teórica também necessita de uma componente prática que demonstre todo o trabalho feito até então, assim foram feitos dois estudos de caso. O primeiro estudo de caso é a análise dos verbos de ação em manuais escolares de Geografia do 8º ano de escolaridade, em que observei, os conceitos presentes no manuais escolares e por fim com recurso à taxonomia de Bloom verifiquei os verbos presentes nos exercícios, mas para sustentar todo o trabalho foi essencial ouvir a opinião de doze professores em relação ao manual, assim o segundo estudo de caso foram entrevistas a doze professores em que procurei ouvir a opinião dos mesmos acerca do manual e sua utilização.

Palavras-chave: Manuais escolares; Aprendizagens Essenciais; Metas Curriculares; Orientações Curriculares; Taxonomia de Bloom; Entrevistas

Abstract

In the beginning it was the “Book”. A curricular approach to 8th grade Geography textbooks.

Geography should be considering an essential part of our formation as a human being. The early training of teachers has the goal to train teachers and give them the capacity to be the very best.

This paper is essentially a final report of a pedagogical internship, its importance should not be overlooked and, therefore, the first chapter will address the pedagogical practice developed by me over a year of internship, this held in 2014. All the moments of the internship were addressed, from the characterization of the school, classes, students, and, finally, the teaching and other activities.

The next topic addressed is the geography curriculum. Evolution and contemporary programmatic analysis, in which it is made known the development of the geography curriculum in Portugal, since the International Charter of Geography that serves as a basis for the development of both the Curriculum Guidelines that, in turn, gave rise to the Curricular Goals and finally the Essential Learning.

As this study is comparative on Year 8 Geography textbooks, it is inevitable that a comparison was made between the curriculum and the textbook that was released this year, already with the Essential Learning in place.

The work could not have only a theoretical component also needs a practical component that demonstrates all the work done so far, so two studies cases were made. The first case study is the analysis of the action verbs in Geography textbooks of 8th grade of schooling, in which I observed the concepts present in the textbooks and finally using Bloom's taxonomy I verified the verbs present in the exercises, but to sustain all the work it was essential to hear the opinion of twelve teachers in relation to the textbook, so the second study case was interviews with twelve teachers in which I tried to catch their opinion about the textbook and its final use.

Keywords: Textbooks; Essential Learnings; Curricular Goals; Curriculum Guidelines; Bloom’s Taxonomy; Interviews

1.	Introdução	6
2.	Metodologia	7
3.	Reflexão sobre a prática pedagógica em contexto de estágio	8
3.1.	Caraterização da Escola	8
3.2.	As Turmas	11
3.3.	Atividades Letivas	14
3.4.	Atividades Extracurriculares	15
3.5.	Balanço do estágio pedagógico	15
4.	O currículo de Geografia. Evolução e análise da linha programática contemporânea	17
4.1.	Orientações curriculares	18
4.2.	Metas curriculares	22
4.3.	Aprendizagens essenciais	24
5.	O currículo e o Manual: possibilidade ou inevitabilidade?	30
5.1.	A validade do uso do manual escolar na aula de Geografia	31
5.2.	Os manuais escolares em estudo	35
6.	Análise dos verbos de ação em manuais escolares de Geografia do 8º ano de escolaridade	37
6.1.	Breve enquadramento dos manuais no estudo	37
6.2.	A taxonomia de Bloom e os verbos de ação	39
7.	Perceção e uso de manuais escolares por docentes de Geografia	48
8.	Considerações finais	54
9.	Bibliografia/ Fontes consultadas	56
10.	Anexos	60

1. Introdução

O trabalho que agora apresento foi realizado no âmbito do relatório anual da unidade curricular. Este relatório é realizado no segundo e último ano do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da FLUC.

Após ponderação de várias possibilidades de investigação, a abordagem incidiu sobre a análise de manuais escolares de Geografia do 8º ano de escolaridade. O título escolhido para a realização do trabalho foi o seguinte: No princípio era o “Livro”. Uma abordagem curricular dos manuais escolares de Geografia do 8º ano. A questão-chave do estudo é a seguinte: *como é que os manuais escolares abordam diferentes tipos de conceitos e de estratégias pedagógico-didáticas?*

Este estudo tem duas linhas de investigação, que se traduzem em 2 questões: 1) como é que os manuais escolares abordam diferentes tipos de verbos de ação?; 2) como são percebidos e usados os manuais de Geografia pelos docentes? Os objetivos definidos para responderem a estas questões foram: refletir sobre a evolução curricular da disciplina de Geografia; perceber a importância do uso do manual escolar em contexto de ensino-aprendizagem; analisar a presença e a aplicação de diversos verbos de ação nos manuais escolares de Geografia.

A escolha deste tema prende-se com o facto de estar afastado do meio escolar desde 2014 e ter enveredado por outro caminho profissional. A generalidade do meu percurso como profissional fez-se na área das vendas, o qual tenho a consciência de não ser a minha vocação, pelo que considero que está na altura de voltar para o que me fez feliz e para o qual me preparei a vida toda, ser Professor. Desta forma, estudar os manuais escolares acabou por ser uma opção que surgiu de forma natural, uma vez que não me encontro a lecionar e já realizei a prática pedagógica, pelo que me encontro apenas a terminar a componente do relatório de estágio.

2. Metodologia

A proposta metodológica de aplicação didática teve três momentos. Numa *primeira fase*, foi realizada uma revisão bibliográfica de toda a estrutura que suporta o ensino de Geografia em Portugal, desde as Cartas Internacionais para a Educação Geográfica, às Orientações Curriculares, as Metas Curriculares e as Aprendizagens Essenciais. Além disso, foram discutidos os trabalhos de autores que se tenham debruçado sobre o tema do uso dos manuais escolares, para se aferir sobre as vantagens, as limitações e outros aspetos que possam ser importantes para este contexto de estudo.

Numa *segunda fase*, foram elencados os verbos de ação presentes nas Aprendizagens Essenciais. Para isso, foram tidos em conta os exercícios e atividades definidos em cada conteúdo dos manuais de Geografia, sendo este o foco analítico dos verbos. Não se considerou o texto explicativo em si, pois pretendeu-se fazer uma análise com base nas diretivas de atuação propostas pelos autores dos manuais.

Na *terceira fase*, foram realizadas dozes entrevistas a docentes de Geografia em exercício, com o objetivo de perceber como é feito o uso do manual. A entrevista é uma forma de saber informações e opiniões acerca de determinado assunto, é uma forma de perguntar, de ouvir e de refletir. Para Silva e Mendes (2013, p.213) “*a entrevista é considerada um encontro entre duas pessoas por meio de uma conversação formal, cuja finalidade centra-se na obtenção de dados do sujeito investigado sobre determinado assunto ou problema*”. A entrevista é indispensável para obter informações acerca de um tema em que o entrevistado é essencial em termos de conhecimentos.

Foram entrevistados Professores em diferentes níveis da carreira docente, de diferentes municípios do país, mais especificamente 6 Professores e 6 Professoras. As entrevistas tiveram uma duração entre cinco e trinta minutos, dependendo do entrevistado, tendo sido realizadas ao longo do mês de abril de 2023, através da plataforma Zoom. Foi enviado e assinado o consentimento informado.

As questões realizadas procuraram caracterizar o perfil do entrevistado, do ponto de vista da experiência letiva e formação académica, a frequência e o modo de uso do manual nas aulas de Geografia, assim como uma reflexão crítica sobre os próprios conteúdo, estratégias e estrutura dos mesmos.

3. Reflexão sobre a prática pedagógica em contexto de estágio

O estágio que realizei, decorreu no ano letivo de 2013/2014, estavam em vigor no ensino as Metas Curriculares. Muito mudou desde então e o que pretendo é fazer uma reflexão sobre o período em que efetuei o estágio.

A prática pedagógica iniciou-se em setembro de 2013, incluída no segundo ano do Mestrado de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário da FLUC. O núcleo de estágio era composto por três elementos, mas com a desistência de uma colega ficámos dois Professores Estagiários.

O facto de o estágio supervisionado ser bidisciplinar foi fundamental que o corpo de orientadores fosse formado por dois membros na escola e outros dois na faculdade (estes últimos compareceram em duas aulas assistidas).

Na vertente de História, a orientação esteve a cargo da Doutora Ana Isabel Ribeiro, na FLUC, e pela Dra. Sónia Silvestre, a orientadora na escola. Por sua vez a Geografia a orientação esteve a cargo da Doutora Adélia Nunes, com a presença nas aulas assistidas do Doutor António Campar de Almeida, já a orientação na escola foi da responsabilidade do Dr. João Fernandes.

8

3.1. Caracterização da escola

O local onde decorreram as atividades relacionadas com o estágio pedagógico foi a Escola Básica 2º e 3º Ciclos Carlos de Oliveira, em Febres, concelho de Cantanhede. A escola pertence ao Agrupamento de Escola Finisterra, criado por despacho do Senhor Secretário de Estado da Administração Educativa, Guilherme D'Oliveira Martins, no dia 17 de Maio de 1999.



Foto 1: Escola Básica 2º e 3º Ciclos Carlos de Oliveira; retirada [Escola EB Carlos de Oliveira – Eco-Escolas \(abae.pt\)](https://www.abae.pt) (2023)

O Agrupamento Vertical de Escola “Finisterra” situa-se no concelho de Cantanhede, um dos maiores de toda a Região Centro que pode ser repartido em duas áreas: a Gândara, sub-região demarcada, com as suas dunas de areia no litoral, pinhais e milheirais, e a sub-região da Bairrada. A Escola Sede, a E. B. 2, 3 Carlos de Oliveira, é central, gravitando em seu torno todos os Jardins-de-infância e Escolas do 1º CEB integrados no Agrupamento, e que se situam nas freguesias de Febres, Covões, Camarneira, S. Caetano, Corticeiro de Cima e Vilamar (figura 1).

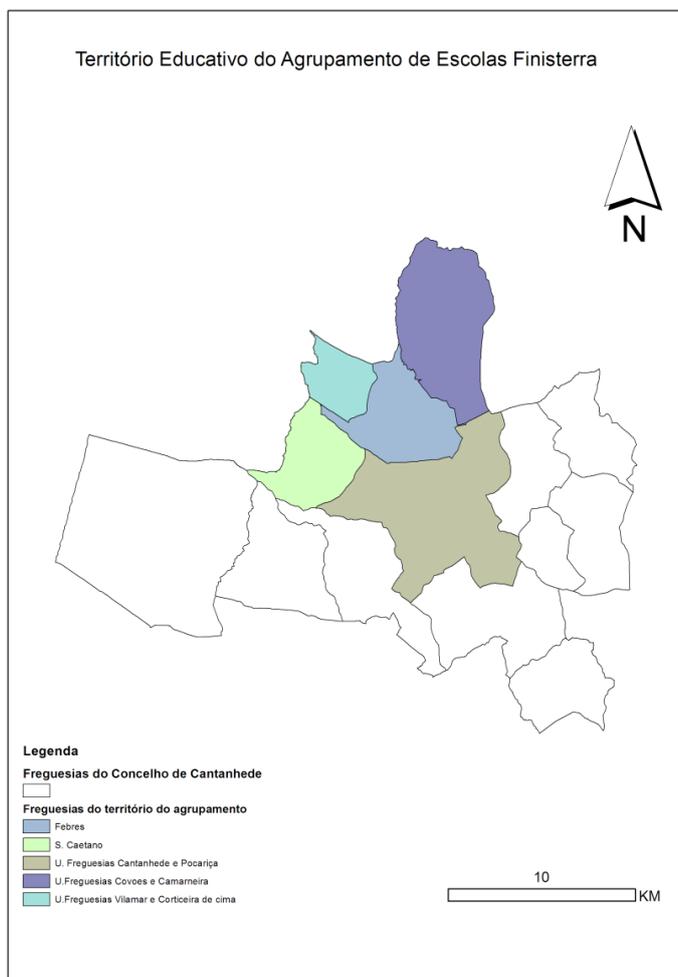


Fig.1 – Mapa das freguesias pertencentes ao Agrupamento Finisterra Fonte: Própria (2014)

No ano letivo 2013/2014, matricularam-se 261 alunos no total de dois ciclos (114 no 2º ciclo e 147 no 3º ciclo) informação consultada no site do Agrupamento. A escola possui uma estrutura capaz de albergar a totalidade dos seus alunos, com salas suficientes e com capacidade para todos. Os restantes equipamentos, desde o Pavilhão à Biblioteca, passando pelo Bar e Refeitório, apresentavam excelentes condições. Além disso, os espaços verdes eram bastante agradáveis e eram também uma referência da escola, contribuindo para a sua nomeação como Eco-Escola. A escola possuía ainda um gabinete de apoio vocacional e especializado, dinamizado por técnicas superiores, assim como o gabinete de psicológica e ensino especial.

Para além das atividades curriculares, a escola demonstrava grande dinâmica extracurricular, comprovada pelo exemplo do grupo musical bem como o jornal da escola,

o “Iceberg”. Ao longo do ano 2013/2014, as atividades passaram também pela prática do desporto escolar, exposições temáticas, sessões de cinema, etc.

3.2. As turmas

Um dos aspetos menos positivos quando foi realizado o estágio pedagógico foi a falta de contacto com alunos do ensino secundário. Isto deveu-se pelo facto de esta etapa ter sido realizada na Escola Básica de 2º e 3º ciclo de Febres. No entanto, podemos assistir a duas aulas de História no ensino Secundário na Escola Secundária de Cantanhede.

Na escola básica tivemos contacto permanente com quatro turmas.

Na área curricular de Geografia contactámos com duas turmas – uma de 8º ano e outra de 9º. Neste caso particular, não tivemos uma turma em que ficasse afeto, tanto lecionava no 8º como no 9º ano.

Já na área disciplinar de História contactámos com duas turmas de 7º ano. Mais uma vez não tivemos qualquer turma alocada a nós, lecionávamos alternadamente.

As caracterizações das turmas foram cedidas na altura pelos nossos orientadores de estágio da escola, mas apenas no final do ano é que tivemos acessos às mesmas. No entanto, foi ao longo do ano letivo que conseguimos compreender as principais características das mesmas.

Durante o estágio, o trabalho que mais prazer me deu foi desenvolvido na sala de aula, ou seja, diretamente com as turmas. O facto de ter contactado com 4 turmas diferentes, com níveis de aprendizagem e comportamentos próprios, constituiu uma experiência muito enriquecedora, a meu ver a mais importante em todo o mestrado. Claro que a preparação teórica e pedagógica para as diferentes etapas fosse fundamental, só tive perceção real da aprendizagem no ano de estágio que ultrapassou largamente todas as conceções e recomendações que foram transmitidas.

Quanto aos alunos, a turma de 8º ano era composta por alguns alunos com questões familiares bastante complexas, o que se refletia em algum desinteresse. Os resultados inicialmente não foram muito satisfatórios, mas o cenário com o tempo acabou por se alterar favoravelmente graças a todos os ajustes feitos pelo Professor João Fernandes e com alguma ajuda da parte dos orientandos. O comportamento, numa fase inicial, também não era o mais apropriado. No entanto, no decorrer do ano letivo

verificaram-se progressos a este nível, verificando-se francas melhorias de grande parte dos alunos.

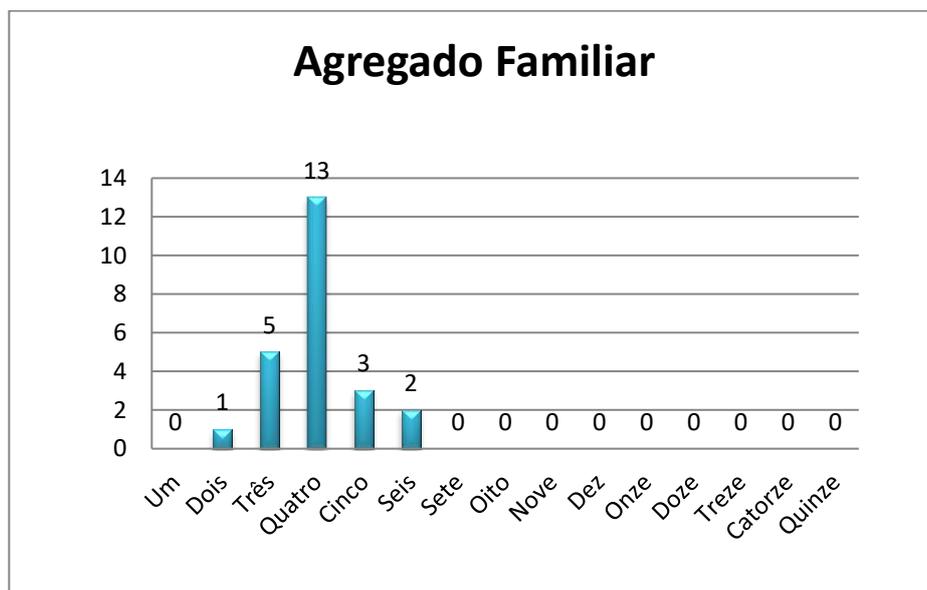


Gráfico 1: Agregado Familiar – 8º Ano. Elaboração Própria (2014)

O gráfico anterior representa os dados relativos ao agregado familiar da turma de 8º ano. Já o gráfico 2 demonstra a realidade académica das famílias: as habilitações literárias dos pais/ encarregados de educação apenas um pai e/ou uma mãe têm o ensino superior; todos os restantes têm habilitações literárias mais baixas.

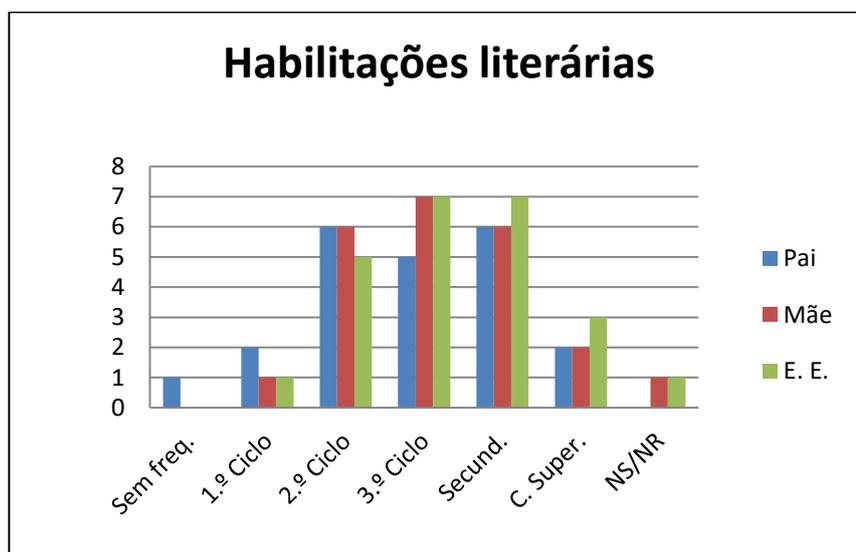


Gráfico 2: Habilitações literárias – 8º Ano. Elaboração Própria (2014)

No caso da turma de 9º ano, era tudo muito diferente. Estes eram alunos com grande potencial. A maior parte deles demonstrava grande interesse nos conteúdos

lecionados, o que, por vezes, até originava alguma desordem na sala de aula, o que nos obrigava a tomar medidas. Com algumas exceções, o resultado foi bastante satisfatório.

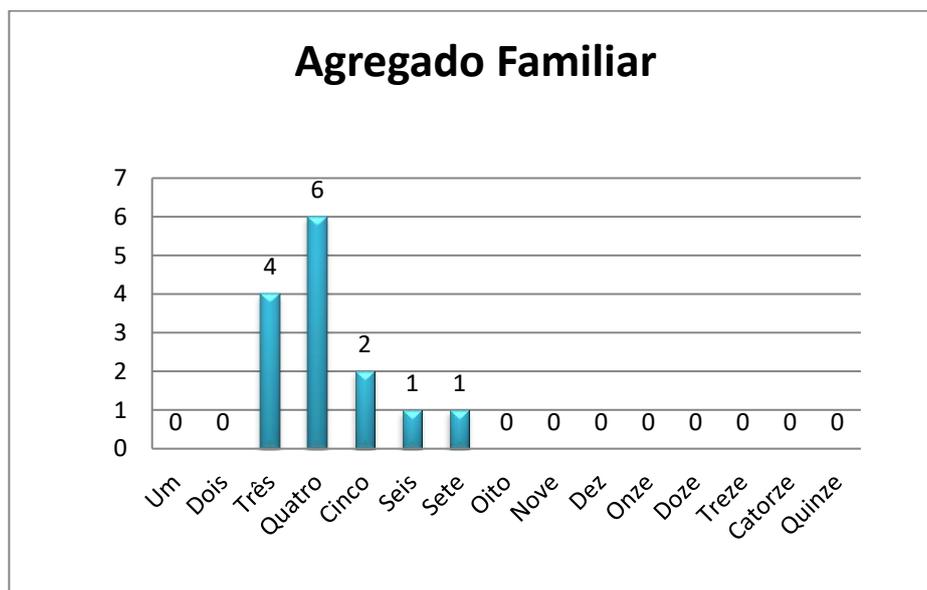


Gráfico 3: Agregado Familiar – 9º Ano. Elaboração Própria (2014)

O gráfico anterior representa os dados relativos ao agregado familiar da turma de 9º ano. Já o quadro seguinte mostra as habilitações literárias dos pais/ encarregado de educação desta turma de 9º ano.

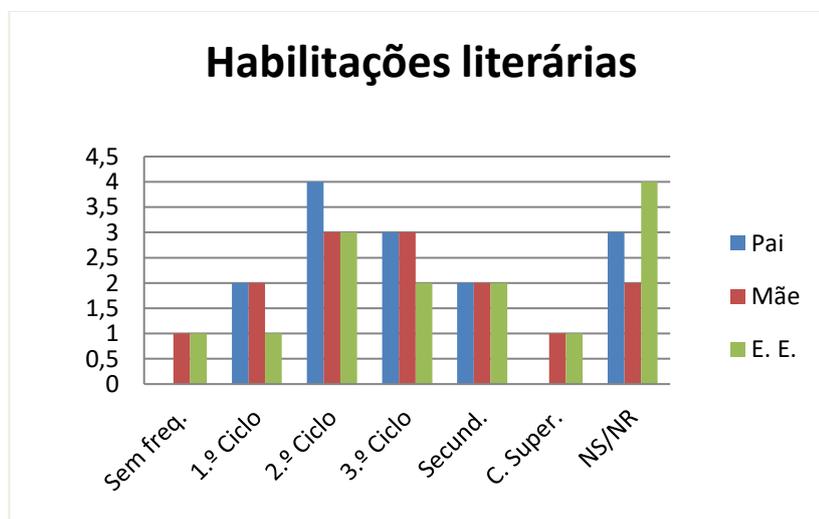


Gráfico 4: Habilitações literárias – 9º Ano. Elaboração própria (2014)

Quando dei início ao estágio, já as aulas estavam a decorrer e o trabalho dos Professores já se encontrava em desenvolvimento. No início do estágio é de destacar a grande disponibilidade por parte dos orientadores para nos integrar e nas tarefas já a decorrer.

A escola tinha todas as condições necessárias para o desenvolvimento de todo o tipo de trabalho necessário.

Quando cheguei à escola, já as planificações a longo e médio prazo estavam feitas. Nas primeiras sessões dos seminários em 2013/2014 foi feita uma aprendizagem dos modelos a longo e médio prazo em que construímos o nosso modelo e, em História, optámos pelo modelo que já era usado.

No seguimento das aulas de Seminário, desenvolvemos os instrumentos de avaliação a aplicar, bem como os critérios de correção. Tal como agora corrigia-se o que estava menos bem e procuravam-se soluções para melhorar tanto as aulas lecionadas pelos Professores Estagiários, como o aproveitamento dos alunos.

3.3. Atividades Letivas

O início de aulas lecionadas deu-se no último dia de outubro, no caso de História, e apenas no dia 22 de novembro, no caso da Geografia.

Em todas as aulas que lecionei estive presente o meu colega de estágio assim como o orientador de cada uma das áreas.

No que toca à área disciplinar de História, a orientadora da faculdade, a Doutora Ana Isabel Ribeiro, estive presente em duas aulas, as duas do 7º ano, mas em turmas diferentes na área disciplinar de Geografia, o orientador da faculdade o Doutor António Campar de Almeida, estive presente também em duas aulas, numa turma de 9º ano.

Na área disciplinar de Geografia foram lecionadas seis aulas de noventa minutos e duas de quarenta e cinco minutos.

Já na área disciplinar de História, nas duas turmas de 7º ano lecionei um total de seis aulas de noventa minutos e duas de quarenta e cinco minutos.

O ponto de partida para as aulas foi a planificação anual, tanto a longo como a médio prazo, para ambas as disciplinas, retirámos informações que nos permitiram concretizar as planificações a curto prazo.

Como já referido anteriormente, no caso da planificação a curto prazo de História optámos pelo modelo do ano passado, já no que respeita à Geografia, optámos por realizar um modelo mais simples estruturado pelo orientador da escola como dos professores estagiários.

3.4. Atividades extracurriculares

Durante o decorrer do estágio, optámos pelo desenvolvimento de diversas atividades extralectivas.

Estivemos presentes nas reuniões intercalares de terceiro período, participámos numa reunião do Departamento de Ciências Sociais e Humanas na qualidade de observadores na Escola Secundária de Cantanhede, marcámos presença na reunião de final de ano da direção de turma da orientadora de História.

Uma vez que a nossa orientadora da área disciplinar de História tinha uma direção de turma, tivemos oportunidade de contatar com alguns assuntos relacionados com este cargo. Também assistimos, na qualidade de observadores, a duas aulas de História do ensino secundário na Escola Secundária de Cantanhede.

No ponto seguinte serão enumeradas as várias atividades desenvolvidas pelo núcleo de estágio:

- Realização do mapa referente às freguesias a que pertence o Agrupamento (Outubro de 2013);
- Visualização do filme “Invictus”, no último dia de aulas do 1º período (Dezembro de 2013);
- Organização das palestras inseridas nos 40 anos de Abril (Março/ Abril de 2014)
- Organizador da palestra do Doutor João Paulo Avelãs Nunes, “Portugal, a União Europeia e o 25 de Abril” (Março/ Abril de 2014);
- Realização do evento “Quizz geográfico ou histórico”. (Junho de 2014);

Por fim, a participação no estágio pedagógico tivemos a participação num jogo de futebol entre docentes e alunos.

3.5. Balanço do estágio pedagógico

Consideramos que o balanço deste percurso de estágio foi muito positivo. Foi um processo de constante aprendizagem e de uma importância tremenda.

Ao longo do ano letivo tentei preparar, com rigor científico, os conteúdos a lecionar, em que escolhi sempre os materiais de apoio mais adequados e organizando o conteúdo no sentido de existir um fio condutor e uma lógica científica no decorrer da lição.

Durante o estágio, no que concerne ao profissionalismo e sentido de responsabilidade, creio que tive um bom desempenho uma vez que cumpri todas as tarefas propostas e as críticas feitas pelos orientadores ao longo do ano letivo foram sempre bem aceitas com uma tentativa clara de melhoria.

Em termos de capacidade de relacionamento interpessoal, no contexto de comunidade educativa, considero que foi um desenvolvimento de relações cordiais, que foram importantes nas várias circunstâncias e geraram comportamentos sempre positivos.

Também, ao longo do ano, em situações adversas foi demonstrado um bom autocontrole.

Compreendo as diferenças que cada núcleo encontra numa escola, mas parece essencial que exista uma linha de ação coerente entre todos os núcleos de estágio. E isto sucedeu no núcleo de estágio em que estive inserido, onde a área de ação se encontrava bem delineada.

As grandes diferenças que encontrei em 2013/2014 e 2022/2023 foi logo demonstrado na estrutura do Mestrado: este não é bidisciplinar. Atualmente é um Mestrado em que é possível concentrar apenas na Geografia. Encontrei muitas semelhanças no desenvolvimento do mestrado, em ambos os anos sinto que enriqueceu a minha aprendizagem.

Atualmente adquire-se competências mais importantes porque estamos a focar-nos apenas numa só disciplina, o que não acontecia anteriormente. A preparação era feita sempre em duplicado e as disciplinas/ métodos de trabalho dos orientadores eram completamente diferentes, enquanto na Geografia adaptei-me ao que era exigido já no caso da História não, senti imensas dificuldades tanto em lecionar como em preparar as aulas da disciplina e até mesmo na procura de recursos didáticos.

4. O currículo de Geografia. Evolução e análise da linha programática contemporânea

A Carta Internacional da Educação Geográfica de 1992, escrita pela Comissão da educação Geográfica – União Geográfica Internacional, tem como desafio e resposta “a resolução das questões e problemas mais importantes do nosso mundo exige um completo empenhamento dos indivíduos de todas as gerações.” (IGU, 1992).

No currículo de geografia reveste especial importância a Declaração Universal dos Direitos do Homem, como sugere na declaração em particular ao Artigo 25 e 26: “Todos têm direito a um nível de vida adequado à manutenção da saúde e do bem-estar próprio e da sua família (...) Todos têm o direito à educação (...)” (Ob.Cit., p.15). Assim a educação tem de ter em conta o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano e o respeito pela liberdade do mesmo. Esta deve constituir os alicerces da base do ensino, de forma a ser promovida a compreensão, a tolerância e o respeito por todo o ser humano.

Segundo a Carta Internacional da Educação Geográfica, “a geografia é não só um meio poderoso para promover a educação dos indivíduos, como também dá um contributo fundamental para a Educação Internacional, para a Educação Ambiental e para a Educação para o Desenvolvimento”. (Ob.Cit. p.15) pelo que a Geografia contribuiu para a Educação. Ora o professor deve transmitir ao aluno, determinadas atitudes e valores, bem como conhecimentos que promovam a procura de soluções para os problemas de todas as bases desde locais, regionais e internacionais, mas tendo como ponto de partida a Declaração dos Direitos do Homem.

A Geografia, através da promoção da educação, deve criar consciência no comportamento de cada um de nós e do impacto que cada um pode ter em questões sociais e ambientais.

A carta de 1992, inclui na vertente de Geografia Humana estudos de: geografia da população, de geografia económica, geografia urbana, geografia social, geografia histórica, geografia cultural, geografia rural, geografia política e ecologia humana. A forma como é abordada tem de ter em conta os problemas atuais que podem ser analisados e equacionados cenários em várias escalas tais como, local, regional, nacional ou global, sempre através de uma resposta do ponto de vista geográfico. As questões a serem estudadas incluem: qualidade ambiental, disparidades sócias espaciais, catástrofes e desastres, mudança global, dinâmica da população, urbanização, fome no mundo, gestão

de energia, desigualdades raciais, sexuais ou religiosas, limites de crescimento, regiões em crise (do ponto de vista social, natural, económico), conflito, estratégias e problemas de desenvolvimento, desenvolvimento sustentável.

Por outro lado, a Declaração Internacional sobre a Educação Geográfica de 2016, vem complementar a de 1992 e torná-la mais atual, tanto nos problemas como nas soluções. Se em 1992 foi possível encontrar um consenso de como deveria ser a educação geográfica no mundo, por sua vez em 2016, afirma-se que “A Geografia integra as ciências naturais e sociais, é eminentemente a disciplina que estuda a natureza mutável do espaço, deve ser entendida como uma parte essencial da educação de todos os cidadãos em todas as sociedades” (IGU, 2016, p.5).

A Carta internacional da Geografia de 2016 aborda também a importância dos SIG para o desenvolvimento da geografia e para a sua investigação. A geografia é uma disciplina que se encontra descurada em alguns países, sendo que noutros países consubstancia uma disciplina sem estrutura, pelo existindo esta realidade, as cartas internacionais da Geografia tentam uniformizar o ensino no mundo inteiro (Ob.Cit).

No caso concreto de Portugal, verifica-se que foram tidas em consideração as cartas a educação geográfica de 1992 e 2016, no desenvolvimento das Orientações Curriculares, assim como das Metas Curriculares e das Aprendizagens Essenciais.

4.1.Orientações curriculares

No âmbito das orientações curriculares estabelecidas em 2002, constata-se que o programa de geografia privilegia os saberes tradicionais da disciplina.

A geografia surge como uma disciplina autónoma só no 3º ciclo letivo, mas o contacto académico com a disciplina ocorre desde o 1º ciclo, na medida em que se encontra integrada com outras disciplinas em Estudo do Meio. Por seu turno, no 2º Ciclo, o aluno já contacta com esta disciplina no âmbito da disciplina de História, sendo ambas lecionadas em conjunto. Assim, as competências e o saber geográfico começam com uma aprendizagem logo no 1º ciclo.

Onde se situa a Geografia? Segundo o, Ministério da Educação, nas Orientações Curriculares Geografia, situa-se como: “Disciplina de charneira entre as Ciências Naturais e as Ciências Sociais, procura responder às questões que o Homem coloca sobre

o meio físico e humano, utilizando diferentes escalas de análise. Desenvolve o conhecimento de lugares, de regiões do Mundo, bem como a compreensão dos mapas e o domínio de destrezas de investigação e de resolução de problemas, tanto dentro como fora da sala de aula. Através do estudo da Geografia, os alunos estabelecem contacto com diferentes sociedades e culturas num contexto espacial, o que os ajuda a perceber de que forma os espaços se relacionam entre si.” (Ministério da Educação, 2022)

O estudo da Geografia acaba se traduzir na alavanca necessária ao desenvolvimento de competências essenciais e estruturantes, em que as crianças e jovens ficam com um maior conhecimento não só do próprio país, mas também do mundo. Assim, de forma resumida, o método de estudo preferencial na disciplina de Geografia consiste “na observação, recolha e tratamento de informação, que serve para levantar e testar as mais variadas hipóteses, elaborar conclusões e apresentar os resultados obtidos”. (Ob.Cit, p. 6)

Em Geografia, o conhecimento não se reporta apenas à memorização dos mesmos, em virtude das constantes mudanças, praticamente diárias, do país e do mundo. Estas competências adquirem-se através da paisagem, dos mapas, do trabalho de projeto e do estudo de caso. As orientações curriculares consideram essenciais estes 5 pontos para obter conhecimento geográfico.

Os alunos vão ter a capacidade e o desenvolvimento de competências geográficas, tais como: observação, classificação, organização, leitura e interpretação de mapas, adquiridas ao longo dos ciclos de estudo, tanto no 1º Ciclo como no 2º Ciclo.

A avaliação terá de ser sempre através de uma pedagogia ativa em que a mesma é centrada na interação entre o professor e o aluno, além de que deve haver um desenvolvimento de competências.

Assim, por sua vez, o currículo de Geografia do 3º Ciclo tem um conjunto de aprendizagens a ser desenvolvidas no seu estudo programático pelas Orientações Curriculares, sendo constituído por um conjunto de aprendizagens, a saber:

- A Terra: estudos e representações;
- Meio natural;
- População e Povoamento;
- Atividades Económicas;
- Contrastes e Desenvolvimento;
- Ambiente e Sociedade.

Os seis temas programáticos podem ser estudados de forma separada ou integrada, sendo integradas com os Projetos Curriculares de Escola e de Turma.

Os alunos, no final do 3º ciclo, devem ser capazes de reconhecer que os aspetos físicos e humanos não são independentes, mas sim têm relação e interligação, mas que originam problemas/ respostas espaciais de forma diferente.

O aluno, ao longo do 3º Ciclo de escolaridade deve ter diferentes experiências geográficas como:

- Trabalho de Campo;
- Trabalho de Grupo;
- Visita de Estudo;
- Simulações e Jogos;
- Estudo de Caso.

Em 2002, no âmbito das Orientações Curriculares, afirma-se que o professor, neste modelo pedagógico, é quem organiza a forma como o aluno é capaz de responder à aprendizagem de competências, mas esta deve ser adaptada tanto à sua idade, como ao nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos, bem como ao seu ritmo.

O ensino da Geografia deve desenvolver competências ligadas à pesquisa, como por exemplo: a observação, o registo, o tratamento da informação, o levantamento de hipóteses, a formulação de conclusões e a apresentação de resultados. O professor deve também ter capacidade de implicar e ter capacidade de integrar o aluno nas tarefas que devem ser desenvolvidas, de forma a promover a resolução de problemas e o desenvolvimento de trabalho, e, por conseguinte, o desenvolvimento do aluno.

Neste contexto, deve existir empenho por parte do professor, na elaboração do sistema de avaliação que irá ser utilizado, de forma a proporcionar ao aluno um progressivo envolvimento nessa tarefa. No entanto, existem aspetos a serem ponderados e equacionados, designadamente:

Utilização dos mesmos critérios de leitura e reação idêntica ao estímulo, mesmo que sejam em diferentes níveis de aprendizagem. A avaliação é feita através de pedagogia ativa, centrada na interação entre aluno e professor e sempre com o foco no desenvolvimento de competências, pois assim poderá haver reajustes em todos os momentos que o professor achar necessário e por fim existirá sempre uma necessidade de mudança nos instrumentos de avaliação, isto de acordo com as diferentes situações e competências a avaliar. Esta dinâmica permite uma atualização permanente das regras,

em que se deve tentar um ponto de consenso com os alunos, valorizando assim, a dimensão formativa do processo de avaliação.

O ensino da Geografia deve desenvolver competências ligadas à pesquisa, como por exemplo: a observação, o registo, o tratamento da informação, o levantamento de hipóteses, a formulação de conclusões e a apresentação de resultados.

As competências estão agrupadas em três domínios:

- A localização;
- O conhecimento dos Lugares e Regiões;
- O dinamismo das inter-relações entre os espaços.

A organização dos temas em que o tema principal e denominador é:

- À descoberta de Portugal, da Europa e do Mundo:
 - A Terra: Estudos e Representações;
 - Meio Natural;
 - População e Povoamento;
 - Atividades Económicas;
 - Contrastes de Desenvolvimento;
 - Ambiente e Sociedade.

21

Como o presente trabalho versa sobre a temática dos manuais escolares do 8º Ano, o estudo incidirá sobre os seguintes temas: População e Povoamento nas Atividades Económicas.

O tema População e Povoamento aborda as seguintes componentes:

- População;
- Mobilidade;
- Diversidade cultural;
- Áreas de Fixação Humana:

É importante também realçar que o aluno deve ser capaz de identificar questões/temas geográficos, sobre os diferentes padrões de distribuição da população e do povoamento e deve ainda ser capaz de construir e interpretar planisférios e mapas para localizar concentrações demográficas e vazios humanos, tratar gráfica e cartograficamente, realizar debates para confrontar pontos de vista e a apresentar propostas de solução, para reduzir os riscos de catástrofes naturais e, por fim, recolher informação temática relacionada com o meio natural, recorrendo as mais variadas

plataformas como (imprensa, filmes, textos, informação da internet, enciclopédias, livros, etc.).

Do ponto de vista das Atividades Económicas, a mesma deve abordar dois temas específicos, como:

- Atividades Económicas: recursos, processos de produção e sustentabilidade;
- Redes e Meios de Transporte e Telecomunicação.

Neste contexto, o aluno deve ser capaz de desenvolver experiências educativas, através da identificação de questões/temas geográficos sobre a diversidade do espaço português, europeu e mundial, assim como de construir e interpretar planisférios e mapas para localizar áreas de:

- Extração Geológica (locais e mundiais);
- Atividade Piscatória;
- Agricultura de Mercado de Subsistência;
- Concentração Industrial;
- Diferentes tipos de Turismo (praia, montanha, cultural);
- Redes de Transporte com diferentes índices de conexão.

Em suma, as Orientações Curriculares dão ênfase ao desenvolvimento de vários temas da linha programática. Sobre esta questão, Alexandre, Fernando e Miranda (2014, 2015) opinam que esta lista de conteúdos que deve estruturar o processo de aprendizagem, a guia e exemplo do caminho a idealizar e por fim as estratégias e competências a desenvolver. Por fim, para o envolvimento dos alunos em atividades é necessário que a utilização dos métodos, das técnicas e dos instrumentos sejam com materiais próprios da geografia.

4.2. Metas Curriculares

As Metas Curriculares foram criadas com o intuito de substituir as orientações curriculares, mas a base são as Orientações Curriculares.

As Metas Curriculares encontram-se estruturadas por anos escolares (7º, 8º e 9º ano), estando organizadas em domínios e subdomínios, o que se traduz na concretização de objetivos gerais. Encontra-se dividido da seguinte forma:

- Subdomínio:
 - Objetivo geral:
 - Descritor;
 - Descritor, etc.

A elaboração das Metas Curriculares teve como tema central “*À descoberta de Portugal, da Europa e do Mundo*” e seus conteúdos fundamentais como a organização hierárquica que ditou a sequência dos Domínios, assim efetuou um estabelecimento de rigorosos descritores de desempenho cognitivo dos alunos, que permitam avaliar a realização dos objetivos propostos.

Tem como objetivo a lecionação de dois domínios em cada ano.

Assim os temas a lecionar no 8º Ano tem como tema e subtema:

- População e Povoamento
 - Evolução da população mundial;
 - Distribuição da população mundial;
 - Mobilidade da População;
 - Cidades, principais áreas de fixação humana;
 - Diversidade Cultural;
 - Os recursos Naturais;
 - A Agricultura;
 - A Pesca;
 - A Indústria;
 - Os Serviços;
 - O Turismo;
 - As Redes e Modos de Transporte e Telecomunicação;

“O cariz centralizador e prescritivo das atuais metas curriculares reduz as oportunidades dos professores se envolverem em atividades de desenvolvimento curricular e a possibilidade dos docentes formados mais recentemente aproveitarem a atualização dos seus saberes para induzirem o refrescamento dos conteúdos do próprio currículo” (Ob.cit, p.18).

As Metas Curriculares constituem uma mudança para o desenvolvimento do ensino em Portugal. Se por um lado, representava um ensino fechado em si, sem flexibilidade entre os temas e que não apoiava, por exemplo, a interdisciplinaridade, por outro lado, tinha todos os pontos esquematizados a ser abordados pelo professor de forma

sistemática e completos. Todavia, acabam por ser revogadas em 6 de julho de 2021 pelo Despacho nº 6605-A/2021.

4.3. Aprendizagens essenciais

Na introdução das aprendizagens essenciais, que constitui o documento pelo qual os professores se devem reger no corrente momento, no ensino, em Portugal, é afirmado que, para o Ministério da Educação (2021, p.1), “a Geografia é a ciência e a disciplina que se distingue pelo pensamento espacial, que pode ser definido como o conjunto de competências que compreende o conhecimento dos conceitos relacionados com o território, a utilização de ferramentas de representação dos fenómenos geográficos e o conjunto de processos explicativos das suas interações, numa visão multiescalar”.

Em 2021, as Aprendizagens Essenciais determinam que existe uma tendência de contração do espaço geográfico nos mais variados fenómenos como os ambientais, populacionais, sociais, culturais, entre outros, que têm causas e consequências diversas. Assim, reveste especial importância o desenvolvimento para uma educação geográfica que não procure apenas ensinar, mas sim também problematizar, responder às mais variadas questões e traçar hipotéticos cenários, para tirar as derivadas conclusões e situações que ocorrem por todo o mundo.

Nas Aprendizagens Essenciais selecionaram-se três áreas de desenvolvimento para as competências:

- Localizar e compreender os lugares e as regiões;
- Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos;
- Comunicar e participar;

Estas três áreas de desenvolvimento devem ter subjacentes um conceito de participação em projetos multidisciplinares de articulação da geografia com outras disciplinas, designadamente através da articulação dos três saberes:

- Saber-Saber;
- Saber-Fazer;
- Saber-Ser.

Os alunos devem saber responder a uma variedade de questões como:

- Onde se localiza?
- Por que se localiza?
- Como se distribui?
- Quais as características dessa distribuição?
- Que impactes se observam?

Deve ainda ser dada ênfase às seguintes competências, em sede de 8º ano de escolaridade:

- Linguagens e Textos;
- Informação e comunicação;
- Raciocínio e resolução de problemas;
- Pensamento crítico e pensamento criativo;
- Relacionamento interpessoal;
- Bem-estar, saúde e ambiente;
- Sensibilidade estética e artística.

A organização das Aprendizagens Essenciais do 8º Ano estrutura-se da seguinte forma e preconiza que os temas sejam abordados da seguinte forma:

População e Povoamento	Localizar e compreender os lugares e as regiões	Problematizar e debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos	Comunicar e participar
	Interpretar mapas temáticos simples (com uma variável), relativos a fenómenos demográficos e culturais, usando o título e a legenda.	Relacionar as áreas de atração e de repulsão demográficas com fatores físicos e humanos, utilizando mapas a diferentes escalas.	Apresentar exemplos de soluções para a gestão pacífica e sustentável dos conflitos entre recursos naturais e a população.
	Representar, em mapas a diferentes escalas, variáveis relativas a fenómenos	Reconhecer aspetos que conferem singularidade a cada região, comparando características culturais, do	Participar de forma ativa em campanhas de sensibilização para minimizar impactes

	demográficos, usando o título e a legenda	povoamento e das atividades económicas.	ambientais, socioeconómicos e culturais da distribuição e evolução do povoamento, a diferentes escalas.
	Comparar o comportamento de diferentes indicadores demográficos, no tempo e no espaço, enunciando fatores que explicam os comportamentos observados.	Descrever situações de equilíbrio ou rutura entre a população e os recursos naturais, em diferentes contextos geográficos e económicos, explicando a ação de fatores naturais e humanos.	Enunciar medidas para fomentar a cooperação entre povos e culturas, que coexistem no mesmo território.
	Identificar padrões na distribuição da população e do povoamento, à escala nacional, europeia e mundial, enunciando fatores responsáveis por essa distribuição.	Explicar causas e consequências dos fluxos migratórios, a diferentes escalas.	Relatar medidas para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar das populações urbanas, rurais e migrantes.
	Identificar padrões na distribuição dos fluxos migratórios, à escala nacional, europeia e mundial, enunciando fatores responsáveis por essa distribuição.	Identificar problemas das áreas urbanas que afetam a qualidade de vida e o bem-estar das populações, aplicando questionários.	Explicar a importância do diálogo e da cooperação internacional da preservação da diversidade cultural
	Localizar cidades, em mapas de escalas diferentes;		

	Enunciar fatores responsáveis pelos padrões da organização das áreas funcionais da cidade, interpretando plantas funcionais.		
	Aplicar as TIG para localizar, descrever e compreender os fenómenos sociodemográficos		
Atividades Económicas	Localizar e compreender os lugares e as regiões	Problematizar de debater as inter-relações entre fenómenos e espaços geográficos	
	Identificar as principais atividades económicas da comunidade local, recorrendo ao trabalho de campo.	Descrever exemplo de impactes da ação humana no território, apoiados em fontes fidedignas.	Representar ²⁶ levantamento funcional das atividades económicas da comunidade local, utilizando diferentes técnicas de expressão gráfica e cartografia.
	Caracterizar os principais processos de produção e equacionar a sua sustentabilidade (extração mineira, agricultura, pecuária, silvicultura, pesca,	Reconhecer a necessidade da cooperação internacional na gestão de recursos naturais, exemplificando com casos concretos, a diferentes escalas.	Apresentar exemplos para uma distribuição mais equitativa entre a produção e o consumo, a diferentes escalas.

	indústria, comércio, serviços e turismo).		
	Identificar padrões na distribuição de diferentes atividades económicas, a nível mundial e em Portugal, enunciando fatores responsáveis pela sua distribuição		Participar de forma ativa em campanhas de sensibilização para a promoção da maior sustentabilidade das atividades económicas, a diferentes escalas (local, regional, etc).
	Comparar os diferentes tipos de transporte, quanto às respetivas vantagens e desvantagens.		Selecionar o modo de transporte mais adequado em função do fim a que se destina e das distâncias (absolutas e relativas).
	Identificar padrões na distribuição de diferentes redes de transporte e telecomunicações, a nível mundial, e em Portugal enunciando fatores responsáveis pela sua distribuição.		Relatar exemplo de ^{do} impacte da era digital na sociedade.
	Determinar a acessibilidade de lugares, simulando redes tecnológicas simples.		
	Aplicar as TIG para localizar, descrever e compreender as atividades económicas.		

Adaptado: Ministério da Educação (2021)

A evolução do ensino em Portugal fez com que, em primeiro lugar fossem criadas as Orientações Curriculares que, tiveram como objetivo dar uma linha orientadora a todos os professores, para serem abordadas da mesma forma em virtude da Carta Internacional da Geografia, perdurando até ao fim do ano letivo de 2011.

Por seu lado, as Metas Curriculares, constituíram o programa mais completo gerado em Portugal, pois ajuda o professor em todas as diretrizes, dava pouco espaço de manobra para o professor. Em 2012, assistiu-se à publicação das Metas Curriculares, as quais reativaram um debate sobre que conhecimento os jovens devem construir em geografia, este debate encontra-se em curso noutros países, mas quando se deu em Portugal acabou por se traduzir num volte-face a uma aprendizagem assente por objetivos. As metas foram uma reescrita enorme desde as orientações curriculares. (Alexandre, Fernando e Miranda, 2015)

Por sua vez, nas Aprendizagens Essenciais, o principal objetivo é um conhecimento interdisciplinar “fundada no campo da geografia, deve atender aos resultados da investigação produzida em domínios que incorporam desde a teoria social, a pedagogia, as ciências cognitivas, até ao desenvolvimento das tecnologias da informação e do conhecimento” (Ob.Cit. p.2).

As Aprendizagens Essenciais são documentos que servem para orientar tendo por base a planificação, realização e avaliação do ensino e da aprendizagem adequada para o desenvolvimento de competências. Ou seja, as Aprendizagens Essenciais tiveram como base a identificação das aprendizagens nos documentos que tinham estado em vigor, nos anos que as antecederam, mas com a intenção de conferir uma ideia de ensino mais prático e que colocasse o aluno no centro de toda a aprendizagem. Assim, é considerado que o desenvolvimento de aprendizagens em que o aluno desenvolva competências que necessite de mais tempo e que seja diferenciador a nível pedagógico na aula.

As aprendizagens essenciais foram formuladas de forma que o aluno:

- Desenvolva, o raciocínio e a capacidade de resolver problemas;
- Estimule a autonomia e o desenvolvimento pessoal dos alunos;
- Promova o desenvolvimento de um ensino mais prático;
- Promova a ligação com as áreas de competências previstas no perfil do aluno.

5. O Currículo e o Manual: possibilidade ou inevitabilidade?

Este ponto do trabalho tem como objetivo analisar a importância do manual escolar, para o currículo da geografia e a forma como se tem adaptado às Aprendizagens Essenciais enquanto recurso didático a apresentar na aula. “A nova legislação não inclui uma nova visão e uso do manual escolar no sentido de responder às exigências do sistema educativo nacional (Esteves, 2021, p.1)

Para o legislador português, nos termos do disposto na alínea b) do artigo 3.º da Lei n.º 47/2006, de 28 de agosto, na sua atual redação, que define o regime de avaliação, certificação e adoção dos manuais escolares do ensino básico e do ensino secundário, bem como os princípios e objetivos a que deve obedecer o apoio socioeducativo relativamente à aquisição e ao empréstimo de manuais escolares, manual escolar é definido como um recurso didático-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino e aprendizagem concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno, que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o ensino secundário, apresentando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de atividades didáticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor.

Os manuais escolares são assim um recurso de trabalho, que tem como objetivo servir de apoio e apoiar o desenvolvimento de competências, bem como as aprendizagens definidas no currículo. Para que funcione é necessário que o manual escolar inclua toda a informação dos conteúdos nucleares, assim como as suas atividades didáticas e a avaliação das aprendizagens. Autores como Martinha (2013, 2021), Nunes (2013), Marques (2013) ou Lobato (2022), apresentam estas perspetivas fundamentadas no desenvolvimento do currículo, com base em sistemas de aprendizagem diferenciadores em que o manual, direta ou indiretamente, pode ser considerado.

Nos termos do disposto no artigo 4.º do supramencionado diploma, o período de vigência dos manuais escolares do ensino básico e do ensino secundário é, em regra, de seis anos, devendo ser idêntico ao dos programas das disciplinas a que se referem. No entanto, nos casos em que o conhecimento científico evolua de forma célere ou o

conteúdo dos programas se revele desfasado relativamente ao conhecimento científico generalizadamente aceite, pode o prazo de vigência para o manual escolar da disciplina afetada ser fixado em período mais curto ou ser determinada a revisão do programa, mediante despacho do Ministro da Educação (cfr. n.º 3 do artigo 4.º do mesmo diploma).

5.1.A validade do uso do manual escolar na aula de Geografia

O manual escolar era, anteriormente, um recurso central nas escolas. No entanto, com o evoluir das tecnologias, deixou de ser o único recurso disponível e tornou-se em mais um instrumento, que se pode complementar com os recursos digitais (estes podem acabar por ser mais apelativos e dinâmicos), O legislador português, considera a existência de outros, os quais designa como «Outros recursos didático-pedagógicos» e que compreendem os recursos de apoio à ação do Professor e à realização de aprendizagens dos alunos, independentemente da forma de que se revistam, do suporte em que são disponibilizados e dos fins para que foram concebidos, apresentados de forma inequivocamente autónoma em relação aos manuais escolares (cfr. alínea c) do artigo 3.º da Lei n.º 47/2006, de 28.08).

31

Assim, o manual está longe de deixar de ser um instrumento importante. Nas palavras de Vaz (2014. p. 9 e 10), é fundamental que “não nos esqueçamos que para o aluno o Professor não se encontra permanentemente presente ao contrário do manual escolar, que pode acompanhar o aluno para todo o lado, exibindo-se como um recurso didático de consulta importante, quer seja na hora do estudo ou na elaboração de trabalho individuais e/ou de grupo”. Mas, se por um lado, o manual escolar é mais um dos recursos disponíveis, por outro lado, é um dos mais utilizados pelo Professor.

Esteves (2021) afirma que, através de um estudo datado de 2018 pelo Observatório dos Recursos Educativos, concluiu que os manuais escolares são o recurso mais utilizado pelos Professores em Portugal. O estudo supracitado revela que 97% dos Docentes tem como principal instrumento educativo o livro, utilizando sempre ou quase sempre os manuais para a construção da sua aula. Neste estudo 92% dos inquiridos afirma que baseia as suas planificações de praticamente todas as unidades didáticas, apenas 1% refere que nunca utiliza o manual em nenhuma circunstância.

Se 97% dos Professores tem como principal recurso educativo o manual, este não pode ser visto como o único recurso e que seja detentor de toda a verdade, mas deve ser visto como um dos muitos recursos disponíveis para os mais variados conteúdos. Os Docentes devem utilizar o manual como um complemento para os conhecimentos científicos “os manuais são elaborados de acordo com os conhecimentos científicos de um ou mais autores e que, muitas vezes, se cingem ao conhecimento que os próprios têm da realidade, podendo essa percepção ser comparativamente diferente à de outros” (Vaz, 2014, p. 8).

Os manuais escolares cumprem funções diferentes tanto para os Professores como para os alunos. Em 2021, Esteves (2021) indica que para os docentes apresentam-se como instrumentos pedagógicos que incluem:

- Informação - assim pode o Professor abordar de uma forma mais eficaz e com uma linha orientadora, assim como uma renovação do conteúdo a lecionar;
- Divulgação do conhecimento - que o manual aborda cientificamente;
- Formação contínua - o manual apresenta ao professor diferentes abordagens que possibilitam o professor fazer uma reciclagem pedagógica;
- Apoio à preparação das aulas.

Por sua vez, as funções do manual, do ponto de vista dos alunos, assentam numa dimensão completamente diferente daquela que é perspectiva do professor. Assim, na ótica dos alunos, a tónica dos manuais prende-se com algumas dimensões como:

- Transmissão dos saberes e de aptidões, assim como os desenvolvimentos de diferentes meios de estudo e aplicação da informação presente no manual;
- Desenvolvimento de várias competências através da mobilização e integração das aprendizagens;
- Transmissão de conhecimento científico relevante, em que o aluno consegue sempre fazer uma revisão sem a presença do Professor, desde que o manual tenha uma criteriosa informação que seja de fácil utilização para o aluno, adequada ao seu ano de escolaridade;

Mas Lambert (1999), através de Esteves (2021), numa investigação sobre manuais escolares e a sua importância, identificou mais algumas funções presentes no

uso do recurso que é o manual, como o manual escolar pode ter uma função de controle da turma, e cabendo a este instrumento fazer a ponte entre o saber científico e a didática. Assim, o manual é um recurso orientador do ensino e da aprendizagem.

Mas outros estudos realizados, demonstram exatamente o que está descrito acima, como Graves (2000), que descreve uma evidência à utilidade dos manuais escolares como na sua relação pedagógica, a saber:

- A organização dos seus conteúdos científicos a serem aprendidos pelos alunos;
- Torna mais fácil a organização para a aprendizagem do conteúdo por parte do aluno;
- Estrutura a informação a ser usada pelo professor;
- Avaliação das aprendizagens;
- O professor pode incluir outros tipos de materiais para a leção da matéria;
- Dá uma garantia de consistência ao professor para abordar a matéria.

Mas será o manual dirigido totalmente para o aluno? Vaz (2014) diz-nos que o manual é um instrumento de estudo para os alunos e tem um carácter muito importante para os pais, pois pode ajudar os mesmos no acompanhamento que devem ser dados pelo mesmo. Este recurso pode ter alguns defeitos como fazer com que o professor se prenda muito à sua utilização e se esqueça de outros recursos, assim deve haver um cuidado muito grande por parte do Docente para não tornar o manual como uma dependência a ser usada de forma excessiva.

As principais funções do manual escolar segundo Silva Júnior e Régner (2008), pode resumir-se da seguinte forma:

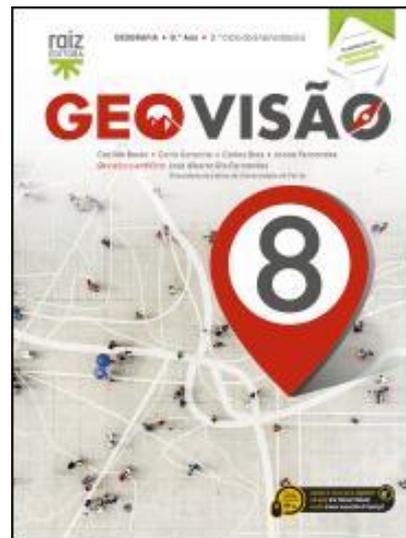
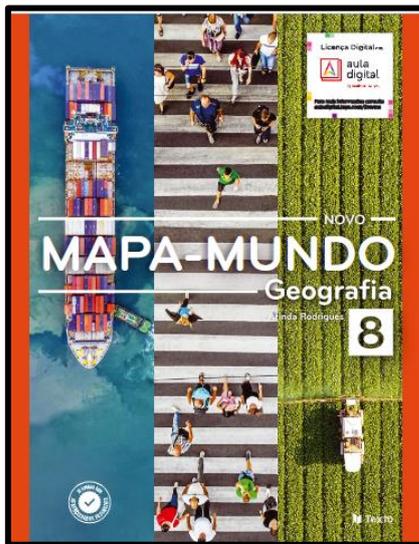
Função Geral	Função Específica
Ferramenta de utilização didática/ profissional	Define as atividades a realizar pelo Professor em cada aula, possibilita a avaliação de aprendizagens; sugere atividades de ensino e aprendizagem; organiza a gestão das atividades escolares e facilita a preparação das aulas; fornece a teoria relevante sobre a disciplina
Formação complementar	Estrutura o currículo real; é uma obra de referência e reflexão pedagógica; transmite o conhecimento e possibilita o desenvolvimento de competências; apresenta informações científicas relevantes; constitui um material de estudo; define uma pedagogia específica da disciplina; funciona como instrumento de autoformação; estabelece o currículo a ser seguido pelo professor
Formação profissional	Complemento de formação científico e pedagógico; instrumento de formação dos/as docentes; formação científica ligada à disciplina; ferramenta importante de formação inicial e contínua

Adaptação: Silva Júnior e Régner (2008)

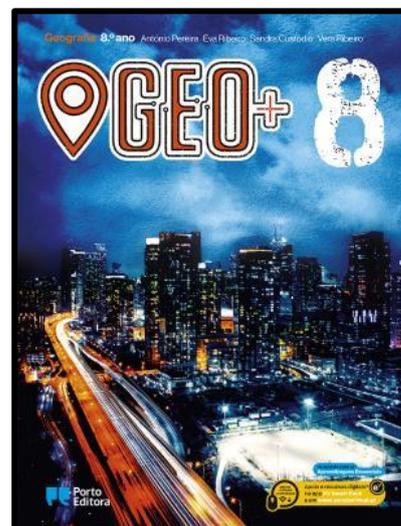
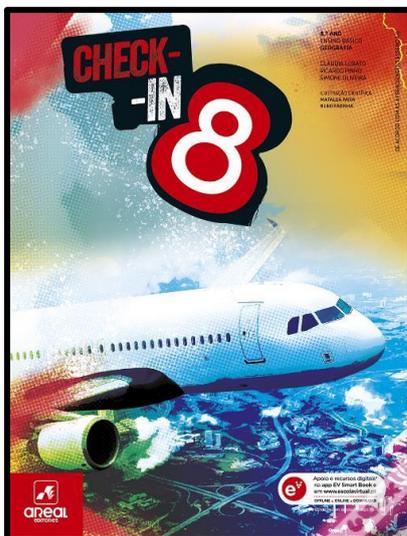
Apesar dos manuais serem dos recursos mais utilizado por todos os Professores e que, provavelmente mais ajuda os alunos, estes não estão isentos de algumas falhas e insuficiências como a terminologia científica da disciplina, ou nem sempre se encontram de acordo com as necessidades e interesses, tanto do que o Docente pretende como o conhecimento do aluno, bem como as atividades propostas pelos manuais poderão não ser as mais interessantes. Não obstante, os manuais constituem um recurso de elevada importância tanto para os alunos, como para os professores. Tonini, Gonzalez e Claudino (2016) fornecem ideias muito interessantes, de como inovar em sala de aula de Geografia, tendo em conta metodologias ativas de aprendizagem. Nesse sentido, o livro pode ser um suporte, que ajuda a consolidar e sistematizar aprendizagens.

5.2.Os manuais escolares em estudo

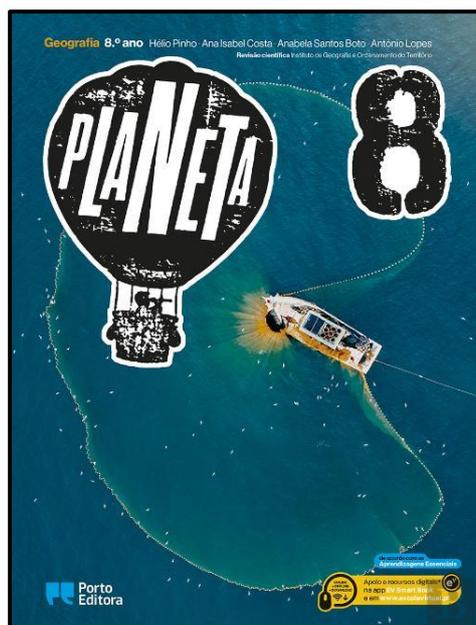
Sendo o propósito deste trabalho averiguar a importância do manual escolar, tanto para o Professor como para o Aluno, optou-se por usar para a análise os manuais escolares do 8º ano do ano escolar 2022/2023, nomeadamente:



Fonte: <https://auladigital.leya.com/pt> e <https://app.escolavirtual.pt/library/libraryteacher/detail/25256498/?part=cover-0> (accedidos a 15-1-2022)



Fonte: <https://app.escolavirtual.pt/library/libraryteacher/detail/25256498/?part=cover-0> (accedidos a 15-1-2022)



Fonte: <https://app.escolavirtual.pt/library/libraryteacher/detail/25256498/?part=cover-0> (acedido a 15-1-2022)

Doravante, os manuais escolares serão apresentados com as letras A, B, C, D, E, e por ordem distinta da apresentada por uma questão de confidencialidade.

No passado, o manual escolar era o único recurso disponível. Todavia, com o evoluir dos anos passou também a dar-se ênfase aos TIC e aos TIG, apesar de os manuais continuarem a ser o recurso mais usado, como já verificado anteriormente. Vaz (2014) diz-nos que o manual é um recurso que está dirigido para o professor e para o aluno, que se tornam os principais beneficiários da utilização deste recurso, porém é importante para o acompanhamento que os pais podem conseguir dar. Fernandes (2007), Lobato (2022) e Peixinho (2013), apresentam estudos que podem ajudar os Docentes a reforçar a análise de conteúdos geográficos do manual, contribuindo para a diversificação de estratégias pedagógico-didáticas.

Por isso, deve haver uma complementaridade entre os todos os recursos ao dispor do Professor, ou seja, não deverá ser apenas o uso do manual, mas também os recursos digitais. Em suma, nenhum recurso deve ser posto de parte para o desenvolvimento do aluno.

6. Análise dos verbos de ação em manuais escolares de Geografia do 8º ano de escolaridade

6.1. Breve enquadramento dos manuais no estudo

O período de vigência dos manuais escolares é por norma seis anos e deve ser idêntico aos programas da disciplina. No caso da Geografia é um período temporal demasiado largo, pois na geografia a mudança é constante e facilmente o manual fica desatualizado.

Para que os manuais possam ser certificados e ser lançados para o público-alvo deve passar por uma certificação, o procedimento de avaliação e de certificação escolar, que visa garantir que haja qualidade científica e pedagógica nos manuais escolares. Este processo organiza-se de forma simples, mas rápida em que os autores, editores e outras entidades que estejam legalmente habilitadas, que se sejam acreditadas pela Direção-Geral da Educação.

Os critérios de avaliação para a certificação dos manuais escolares no ano 2022/2023 as equipas científico-pedagógicas das entidades creditadas e as comissões de avaliação têm de considerar os critérios definidos no artigo 11.º da Lei nº47/2006, de 28 de Agosto, em que tem de haver liberdade e autonomia científica e pedagógica na conceção e dos manuais escolares, autonomia, liberdade de mercado e de concorrência para a sua produção, edição e distribuição, qualidade científico-pedagógica dos manuais escolares, equidade e igualdade de oportunidades no acesso aos recursos didático-pedagógicos. As mudanças presentes no Anexo II ao Despacho n.º4947-B/2019, de 16 de Maio, em que os critérios de avaliação para a certificação são:

- Rigor linguístico;
- Rigor científico;
- Rigor conceptual;
- Adequação ao desenvolvimento das competências definidas no currículo nacional;
- Conformidade com os objetivos e conteúdos dos programas ou orientações curriculares em vigor;
- Qualidade didático-pedagógica;

- Valores (não deve fazer referência a marcas comerciais de serviços e produtos);
- Reutilização e adequação ao período de vigência previsto;
- Qualidade material, como robustez e o peso dos manuais escolares impressos.

No caso dos manuais de geografia de 8º ano, os mesmos foram alterados neste ano letivo de 2022/2023 e já com as alterações previstas pelas Aprendizagens Essenciais. Segundo o ministério da educação (2018, p.3) *“A globalização, as migrações, bem como a distribuição espacial dos recursos e os conflitos associados à sua exploração constituem problemáticas que carecem de uma reflexão profunda face os impactes nas sociedades. Lidar com estes temas complexos exige um saber científico rigoroso ancorado e competências-chave tais como a capacidade de delinear estratégias, de as aplicar e de as avaliar, bem como a resiliência (...)”* Nesse sentido, o programa de Geografia tende a dar resposta aos desafios do mundo contemporâneo, o que está plasmado no próprio desenho curricular da disciplina. No caso do 8º ano, verifica-se a existência de dois temas e em nove subtemas, a saber:

- População:
 - População;
 - Mobilidade;
 - Diversidade Cultural;
 - Áreas de fixação humana;
- Atividades Económicas:
 - Atividades económicas: recursos processos de produção e sustentabilidade;
 - Setor I (Primário);
 - Setor II (Secundário);
 - Setor III (Terciário);
 - Redes e meios de transporte e telecomunicações;

Tendo em conta a dimensão temática, achou-se importante perceber o grau de complexidade exigida aos estudantes, nas suas aprendizagens, pelo que será feita uma análise geral, sobre como os verbos de ação estão aplicados em cada um dos manuais em estudo que, por uma questão de confidencialidade, serão designados de *A, B, C, D e E* como descrito anteriormente. Para isso, será tida em consideração a taxonomia de Bloom,

por se considerar um modelo de grande relevância no âmbito da compreensão da complexidade das aprendizagens.

6.2. A taxonomia de Bloom e os verbos de ação

Para o desenvolvimento do aluno é fundamental a taxonomia do conhecimento, uma vez que surgem como metodologia de classificação e organização do conhecimento. Para Ferraz e Belhot (2010. p.421) “Na educação, decidir e definir os objetivos de aprendizagem significa estruturar, de forma consciente, o processo educacional de modo a oportunizar mudanças de pensamentos, ações e condutas”.

A Associação Norte Americana de Psicologia, em 1948, reuniu um grupo de especialistas, que iniciaram um estudo de metodologia de comunicação dos objetivos de avaliação, ou seja, foi criado um sistema de classificação de objetivos. Sete anos mais tarde, em 1956, é publicado por Bloom, “*The Taxonomy of Educational Objectives, The Classification of Educational Goal*”, conhecida como Taxonomia de Bloom, tendo sido publicada em várias línguas ao longo de quarenta anos.

Para Cardoso (2010 p.15) “*apesar das críticas ao pressuposto de que o pensamento é linear, hierárquico e sequencial, o trabalho desenvolvido por Bloom e a sua equipa tem o mérito de auxiliar no planeamento de situações de aprendizagem, recorrendo à referida categorização dos domínios cognitivos, bem como promover, recorrendo à referida categorização, consenso entre todos os seus utilizadores.*” Assim percebeu-se através deste estudo que, tendo em conta a manutenção do ensino, os alunos vão aprender, no entanto o nível de conhecimento adquirido difere.

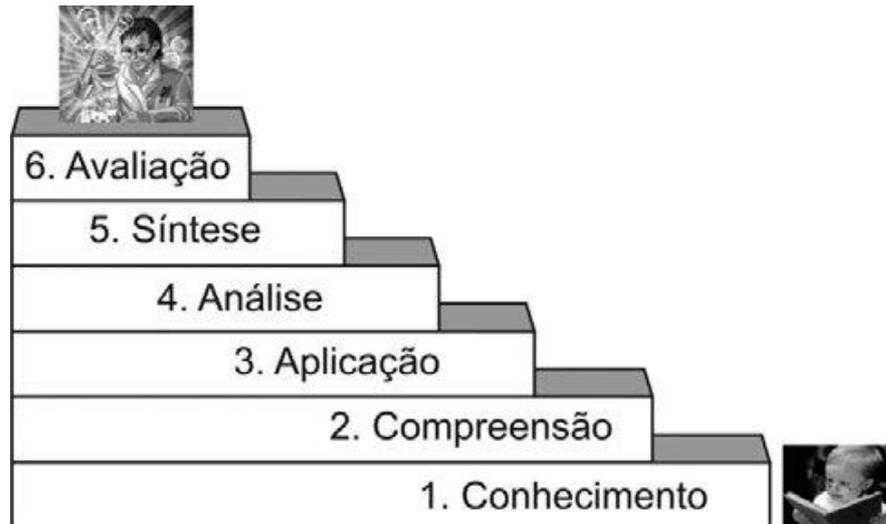


Figura1: Taxonomia de Bloom

Fonte: https://www.researchgate.net/publication/259867625_Social_Software_in_Higher_Education_Pedagogical_Models_and_Universities_Strategies/figures?lo=1 (12-5-2023)

A taxonomia de Bloom, apresenta seis categorias, ordenadas hierarquicamente, ou seja, das mais simples às mais complexas. A ordem é a seguinte: “*Conhecimento*”, “*Compreensão*”, “*Aplicação*”, “*Análise*”, “*Síntese*” e “*Avaliação*”. Sempre que o aluno domina uma competência, passa para a competência seguinte, mas existindo uma relação de dependência entre as mais variadas categorias. Este modelo continua a ser muito utilizado por Professores em todo o mundo, uma vez que torna o modelo prático e eficaz.

Em 2001, ou seja, quarenta anos após o primeiro resultado, um grupo de especialistas, entre os quais estavam psicólogos, educadores, especialistas em currículos, testes, avaliação, entre outros e supervisionado por David Krathwohl, que tinha participado no desenvolvimento da taxonomia de Bloom, em 1956, uma revisão do original e que estava intitulado de “*A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Bloom’s taxonomy for educational objectives.*”

Segundo Anderson (1999) e Bloom et al. (1956), a taxonomia original foi concebida de maneira hierárquica e unidimensional e relacionava a aquisição de conhecimento com a mudança de comportamento observável relacionada ao objetivo previamente proposto e essas mudanças podem ser medidas em termos de atos e pensamentos. Essa análise detalhada incentivou a alteração da terminologia domínio cognitivo para domínio do processo cognitivo que, de acordo com os investigadores, é mais clara e diretamente relacionada ao que acontece no contexto educacional. “Processo

cognitivo” pode ser entendido como o meio pelo qual o conhecimento é adquirido ou contruído e usado para resolver problemas diários e eventuais (Behlot e Ferraz. p.425).



Figura 2: Evolução da taxonomia de Bloom

Fonte: <https://pt.linkedin.com/pulse/taxonomia-de-bloom-os-objetivos-educacionais-e-deborah-villeth-dantas> (12-5-2023)

A atual taxonomia mantém as categorias de base, mas a separação conceptual em que o conhecimento e o processo cognitivo resultaram algumas mudanças. Ou seja, mantiveram-se os verbos, mas o “*Conhecimento*” foi alterado por “*Lembrar*”, “*Compreensão*” por “*Entender*”, “*Aplicação*”, “*Análise*” e “*Síntese*” por “*Aplicar*”, “*Analisar*” e “*Sintetizar*” e “*Avaliação*” por “*Criar*”. Em termos hierárquicos apenas alteraram os níveis cinco e seis.

Com base no modelo da Taxonomia de Bloom, foi analisada a presença dos diferentes verbos de ação em seis manuais de Geografia do 8º ano.

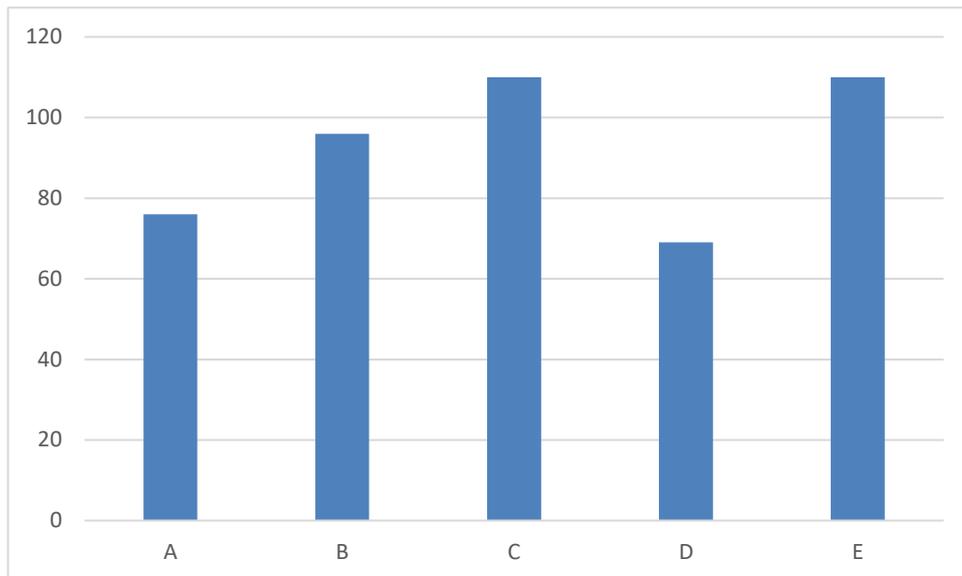


Gráfico 5: N° total de verbos de ação por manual. Elaboração própria (2023).

Tendo em conta o gráfico 1, verifica-se que os manuais C e E são os mais completos com um total de 110 verbos de ação, enquanto o A e o B têm 76 e 96 respetivamente. Por fim o manual D é o que menos verbos de ação tem presentes, com apenas 69.

Em média cada manual tem 92,2 conceitos do que é preconizado pelas aprendizagens essenciais, se o total é de 115 conceitos em todos os manuais, o número médio é um número elevado para o que é exigido.

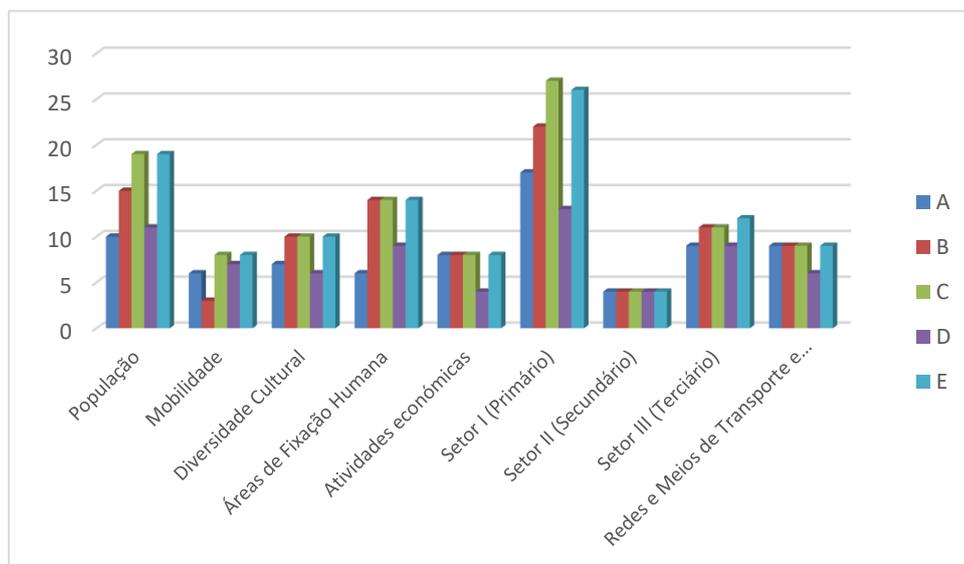


Gráfico 6: Verbos de ação por Subtema

Elaboração própria (2023)

Se, por outro lado, a análise for feita através de subtemas, verifica-se no gráfico 2 que existe uma grande disparidade em relação aos resultados. Por exemplo, o manual A e D são muito incompletos, enquanto o C e o E apresentam uma maior diversidade (gráfico 2).

Categoria	Verbos	Manual A	Manual B	Manual C	Manual D	Manual E
Conhecimento	Enumerar	0	4	0	9	4
	Definir	0	0	18	17	4
	Descrever	2	7	7	23	1
	Identificar	38	55	26	47	61
	Nomear	0	0	0	3	0
	Apontar	1	1	8	3	3
	Recordar	1	0	0	0	0
	Relacionar	1	10	5	4	7
	Distinguir	0	7	5	11	1
	Ordenar	0	3	1	0	0
	Reconhecer	0	1	3	3	0

Tabela 1: Taxonomia de Bloom – categoria “conhecimento”. Elaboração Própria (2023)

No “*Conhecimento*” é uma questão de lembrar de informações e conteúdos que são dados a conhecer através de factos, ou seja, deverá ser lembrada uma determinada informação ou facto específico. Em cima, está representada a tabela 1, no que concerne o conhecimento, sendo que os verbos mais comuns em todos os exercícios de geografia são “*Identificar*” e “*Definir*” com um valor máximo de 61 no manual E e 18 no manual C, mas se o verbo “*Identificar*” aparece nos exercícios 227 vezes que é mais que todos os outros verbos juntos em todos os manuais em que o total é de 178 vezes. Outros verbos que não estão descritos e é possível ver no anexo, não estão representados porque o valor era 0.

A “*Compreensão*” (tabela 2), tal como o nome indica é a habilidade de compreender, é a capacidade de entender a informação ou facto.

Categoria	Verbos	Manual A	Manual B	Manual C	Manual D	Manual E
Compreensão	Construir	1	1	3	0	12
	Definir	0	18	4	0	17
	Descrever	2	7	1	7	23
	Distinguir	0	5	1	7	11
	Explicar	9	14	23	14	39
	Inferir	0	0	1	0	0
	Classificar	11	25	9	14	17
	Identificar	38	55	26	47	61
	Interpretar	59	3	0	0	2
	Reconhecer	0	3	0	1	3
	Selecionar	18	7	3	2	2
	Situar	0	0	0	0	1

Tabela 2: Taxonomia de Bloom – categoria “compreensão”. Elaboração Própria (2023)

Na “*Compreensão*”, como é possível ver, os manuais correspondem com o maior número de verbos nas questões e assim mostra ao aluno a possibilidade de utilizar em diferentes contextos.

O manual E é o manual que mais usa os verbos de ação com um total de 188, enquanto o A, B, C, e D têm 138, 138, 71 e 92, respectivamente. O manual C é o mais incompleto, pois tem vários verbos de ação com número reduzido como é o caso do “*Descrever*”, “*Distinguir*”, “*Inferir*” com uma utilização reduzida, mas os verbos “*Interpretar*”, “*Reconhecer*” e “*Situar*” não tem nenhuma utilização no que à interpretação do resultado diz respeito. Por sua vez, o manual E é o mais completo de diversas formas, em que vários verbos de ação repetem-se, várias vezes, como “*Identificar*” que aparece 61 vezes, ou seja, é o verbo de ação que mais vezes se repete em quatro dos cinco manuais, apenas no manual A é usado com mais frequência o verbo “*Interpretar*”. Já o verbo “*Situar*” e “*Inferir*” é o que se repete menos vezes em todos os manuais.

A “*Aplicação*” (tabela 3) é a forma de usar informação que já foi adquirida nos conhecimentos anteriores e pode ser demonstrada de várias formas, desde a oral a escrita.

Categoria	Verbos	Manual A	Manual B	Manual C	Manual D	Manual E
Aplicação	Aplicar	0	0	0	0	6
	Demonstrar	0	0	0	0	5
	Descobrir	75	0	0	0	0
	Interpretar	59	3	0	0	2
	Preparar	0	0	0	0	4
	Relatar	0	0	0	0	3
	Construir	1	1	3	0	12
	Escolher	0	0	0	1	2

Tabela 3: Taxonomia de Bloom – categoria “aplicação”. Elaboração Própria (2023)

É possível verificar que os manuais escolares de 8º ano não dão primazia a “Aplicação” nos seus exercícios, mas tem o maior valor de todos no Manual A com uma aplicação de 75 vezes a palavra “Descobrir” e com 59 a palavra “Interpretar”.

Como verificado os manuais estão incompletos no que concerne ao domínio cognitivo “Aplicar”, o manual A é o que está representado em maior número de vezes, mas o manual E é que tem mais verbos de ação nos exercícios em que apenas o “Descobrir” está a 0, todos os restantes aparecem algumas vezes mesmo que, não seja em números muito elevados. O manual D aparece apenas uma vez representado em “Escolher” tudo o resto está a 0 e o Manual C também está muito incompleto, aparece apenas 3 vezes em “Construir”. O Manual B aparece por 2 vezes nos verbos de ação com representatividade em “Interpretar” e “Construir” com 3 e 1 vez, respetivamente.

Tendo em conta a tabela 4, a “Análise” é por si uma habilidade de subdividir o conteúdo em partes menores para assim entender o resultado. Pode incluir várias questões, desde a identificação entre outros. É necessário já ter compreendido o conteúdo, assim como a estrutura.

Categoria	Verbos	Manual A	Manual B	Manual C	Manual D	Manual E
Análise	Analisar	7	1	37	2	7
	Classificar	11	25	9	14	17
	Comparar	5	3	4	8	11
	Determinar	0	1	0	0	1
	Distinguir	0	5	1	7	11
	Diferenciar	0	0	1	0	1
	Identificar	38	55	26	47	61
	Apontar	1	8	3	1	3
	Inferir	0	0	1	0	0
	Calcular	4	8	6	2	3

Tabela 4: Taxonomia de Bloom – categoria “análise”. Elaboração Própria (2023)

A categoria “Análise” demonstra que os manuais têm em grande maioria os exercícios “Identificar” e “Classificar”, todos os manuais têm uma enorme quantidade de verbos nos seus exercícios com um total de 227 e 76 respectivamente, o valor mais baixo é o “Inferir” que aparece apenas 1 vez no manual C. Todos os restantes verbos de ação também não aparecem representados muitas vezes, o “Determinar” e o “Diferenciar” apenas aparece representados 2 vezes.

No que respeita à tabela 5, a “Síntese” é a habilidade em que se agrega e junta a parte para formar o todo, torna a produção uma forma de comunicação única com uma proposta de pesquisas ou classificar informações.

Categoria	Verbos	Manual A	Manual B	Manual C	Manual D	Manual E
Síntese	Construir	1	1	3	0	12
	Criar	0	0	0	0	1
	Elaborar	12	2	2	0	7
	Estabelecer	0	2	1	3	1
	Explicar	9	14	23	14	39
	Organizar	5	0	1	0	8
	Relacionar	1	5	7	10	4
	Projetar	1	0	0	0	0

Tabela 5: Taxonomia de Bloom – categoria “síntese”. Elaboração Própria (2023)

Na “Síntese”, o uso dos manuais também tem alguma predominância e obriga a que o aluno seja capaz de explicar e relacionar.

Tem um verbo de ação muito importante no que a exercícios diz respeito, que é o verbo “Explicar” e está representado em todos os manuais, com um valor de 99 vezes

e com uma média de 67,8 vezes em cada manual (tabela 5). Todos os restantes aparecem representados menos vezes, mas o “*Projetar*” é o que aparece menos vezes com apenas uma utilização.

Por fim, a “*Avaliação*” é a capacidade de julgar o valor de tudo, ou seja, julgar o valor do conhecimento, mas no caso da taxonomia de Bloom de 1956 era o último ponto a ter em consideração, a capacidade de julgar o valor final de toda a estrutura.

Categoria	Verbos	Manual A	Manual B	Manual C	Manual D	Manual E
Avaliação	Avaliar	0	1	0	0	0
	Escolher	0	0	0	1	2
	Comparar	5	3	4	8	11
	Explicar	9	14	23	14	39
	Interpretar	59	3	0	0	2
	Justificar	5	7	27	13	7
	Relatar	0	0	0	0	3
	Detetar	0	0	0	1	0
	Selecionar	18	7	3	2	2

Tabela 6: Taxonomia de Bloom – categoria “avaliação”. Elaboração Própria (2023)

Na tabela 6, o último patamar do modelo cognitivo presente na taxonomia de Bloom, quando nos exercícios estão presentes estes verbos de ação, o aluno já é capaz de compreender todos os outros modelos cognitivos, mas uma vez mais aparecem pouco representados nos exercícios, aparecem com frequência no modelo cognitivo “*Interpretar*” com 64 vezes, mas em que o manual A tem 59 vezes, o que aparece com mais frequência é o “*Explicar*”, com 99 vezes e, em sentido oposto, “*Detetar*” e “*Avaliar*” com apenas uma utilização.

Os verbos de ação por domínio cognitivo em que, nos seis domínios, aparece representado mais vezes em exercícios dos manuais de geografia, é a “*Compreensão*” com 627, a “*Análise*” com 456, o “*Conhecimento*” com 405, a “*Avaliação*” com 293, a “*Síntese*” com 189 e, por fim, a “*Aplicação*” com 177.

Voltando à dimensão programática das Aprendizagens Essenciais em Geografia, nomeadamente no 8º Ano, preconiza-se que os alunos sejam capazes essencialmente de, entre outros aspetos, de “localizar e compreender os lugares e as regiões”. A representação de verbos de espacialização como, “*Localizar*”, “*Situar*”, “*Orientar*” que são verbos importantes para o ensino da Geografia, não estão em número suficiente, o

“Localizar” aparece apenas 15 vezes nos exercícios dos manuais, o “Situa” uma vez e o “Orientar” em nenhum exercício, praticamente não aparecem nos exercícios, mas aparecem mais em notas de rodapé dos manuais.

Nas tabelas é possível verificar que, alguns verbos de ação, se encontram repetidos e isto deve-se ao facto de na taxonomia de Bloom existirem verbos que, estão repetidos em mais que uma categoria.

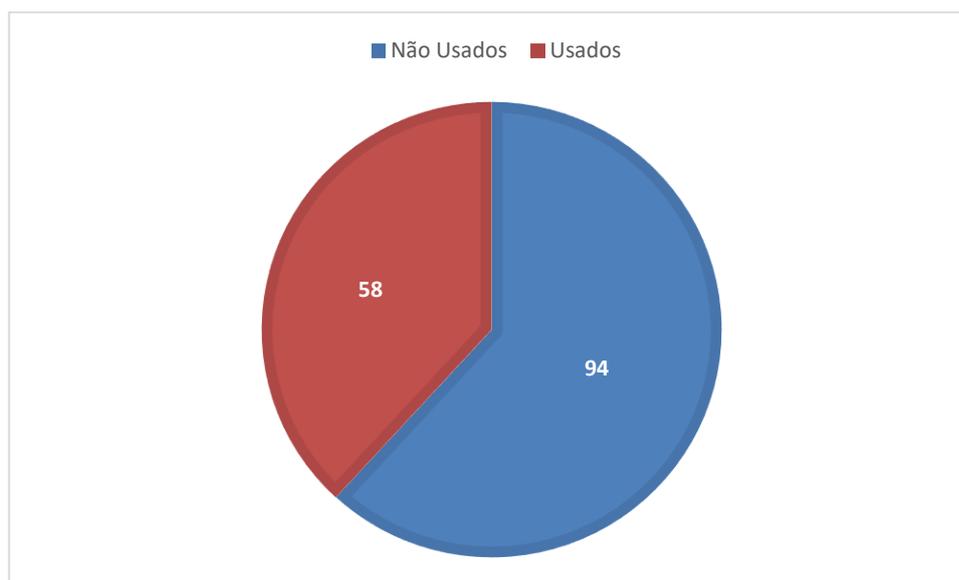


Gráfico 7: Número de vezes que os verbos da taxonomia de Bloom são usados

Fonte: elaboração própria (2023).

Por fim, nas categorias presentes na taxonomia de Bloom; estão presentes 152 verbos de ação, no gráfico 7 é possível ver a quantidade de vezes que os verbos de ação são usados ou não. Dos 152 verbos de ação, presentes na tabela correspondente a cada domínio cognitivo, é possível verificar que 94 verbos não foram usados e apenas 58 foram.

7. Percepção e uso de manuais escolares por docentes de Geografia

No segundo estudo de caso procurou-se aferir a percepção e o uso dos manuais escolares, por docentes de Geografia. Tendo em conta as doze entrevistas realizadas,

serão apresentadas as principais conclusões obtidas através da análise de conteúdo. A entrevista foi semiestruturada.

As primeiras seis perguntas foi acerca da caracterização dos entrevistados. Na primeira questão, foi em que ano tinha terminado o curso e aqui as respostas variam entre 1982 e 2022, sendo que a maior parte foi entre 2009 e 2105 como é possível ver no gráfico 1.

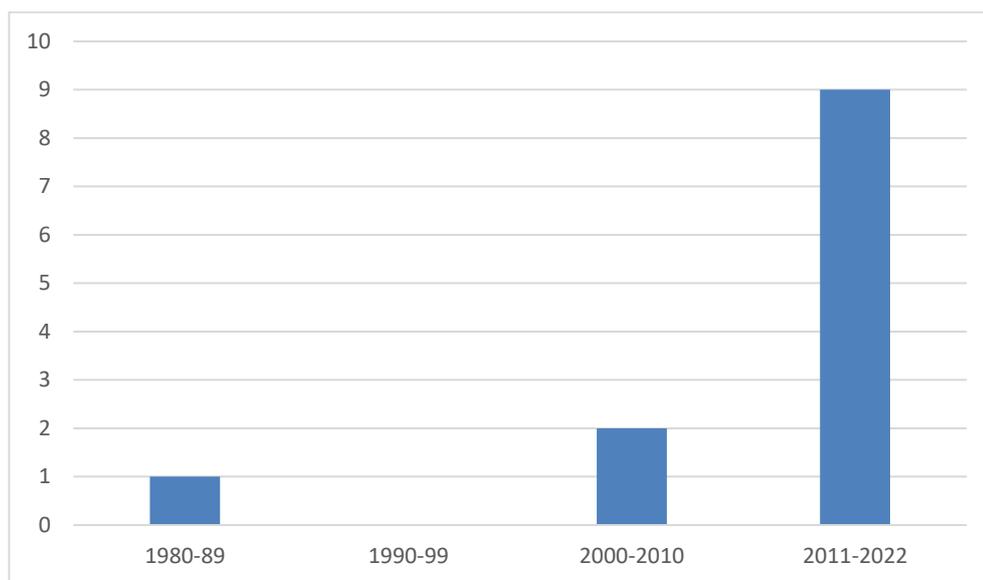


Gráfico 8. Década em que os entrevistados acabaram o curso
Elaboração própria (2023)

Na segunda questão procurei saber há quantos anos são professores. Tal como quando terminou o curso as respostas diferem. Vão desde os 18 meses até 40 anos. E em quantas escolas deram aulas, nesta questão as respostas foram um pouco surpreendentes, o professor com 40 anos de escola deu em apenas 6 escolas, enquanto 1 professor com 13 anos de escola já passou por 20 escolas. Praticamente todos os professores são contratados, apenas um é do Quadro de Agrupamento (gráfico 9).

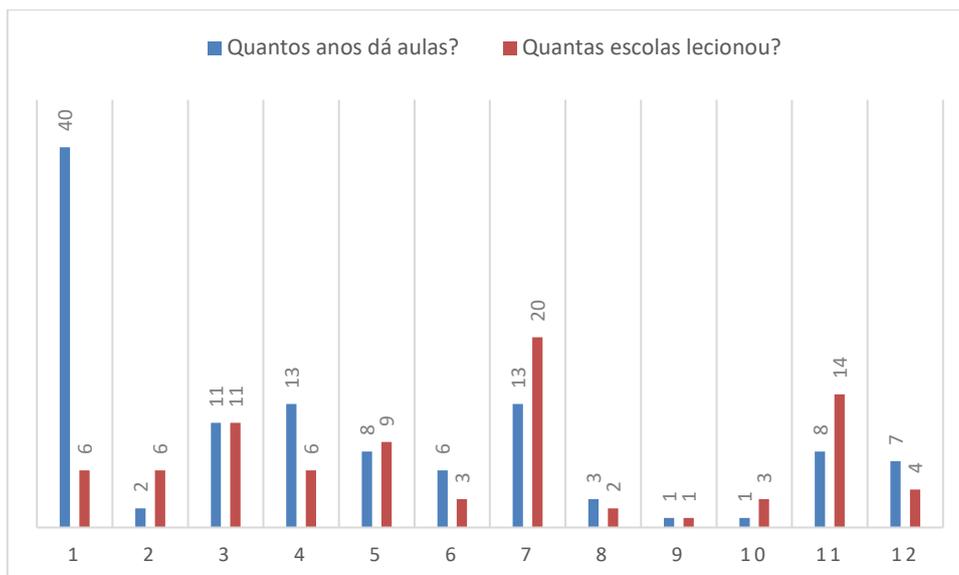


Gráfico 9: Anos de serviço/ Quantas escolas lecionou
Elaboração própria (2023)

Procurou-se que os professores entrevistados estivessem a dar aulas em diversos concelhos ao longo de Portugal incluindo as ilhas. Foi possível entrevistar docentes em Condeixa-a-Nova, Vila Franca de Xira, Faro, Castelo Branco, Porto de Mós, Loures, Castro Verde, Lagoa, Azambuja, Arouca e Ilha das Flores. Dos 12 entrevistados, onze trabalham em escolas públicas e apenas uma professora trabalha na escola privada.

No que concerne às questões colocadas, sobre o uso do manual escolar na disciplina de Geografia, foi possível aferir as seguintes informações:

a) Acha adequado o manual adotado pela escola? Pode justificar?

Nas entrevistas a maior parte dos professores acha adequado o manual escolar, devido ao facto de usarem manuais novos em que, a informação ainda não se encontra desatualizada, devido à parte gráfica dos manuais, assim como os mapas e os esquemas são simples e de boa compreensão para os alunos. Apenas um Professor disse que não gostava porque não era intuitivo e apelativo. Neste caso deve-se ao facto de o manual ter alguns anos e não existe uma identificação na forma como o manual está estruturado. Para este Professor o manual baseia-se muito em esquemas, imagens e gráficos e deveria ter uma componente teórica para criar uma base.

b) Usa o manual na aula? Com que frequência?

Dos 12 professores entrevistados, 7 usam sempre nas suas aulas, 1 quase sempre, 3 raramente e 1 nunca usa. O Professor que nunca usa o manual dá primazia às novas tecnologias, e na opinião do mesmo, os alunos não deveriam transportar os manuais devido ao peso que acarreta uma vez que já existem recursos digitais que poderiam facilitar a vida ao Aluno. Nas entrevistas existem opiniões diversas acerca do uso do manual, dependendo se escolheram o manual e a editora.

O manual continua a ser um recurso importante para todos os Professores, porque mesmo a que nunca usa afirmou que vai buscar recursos ao manual.

c) Os alunos gostam de usar o manual na aula?

O ritmo de trabalho para os alunos quebrou. O manual ajuda a conciliar as aprendizagens essenciais, mas não gostam de usar para leitura. Serve mais para conciliar o estudo e estruturar de forma que facilite a aprendizagem, segundo 8 professores. Os restantes 4 acham que os alunos não gostam de usar o manual na sala de aula, ou porque é aborrecido, ou não acham atrativo o manual e, por fim, a queixa é relativa ao peso que o manual acarreta para os alunos.

Pelas entrevistas, deveria haver um equilíbrio entre o uso do manual e o uso de novas tecnologias. Nem abusar das novas tecnologias nem descurar o manual. Se o manual existe deve ser aproveitado como recurso importante que é.

d) Se os alunos usam o manual para estudar para os testes ou para fazer trabalhos?

A opinião é diversa relativamente a esta temática, mas grande parte dos professores acha que os alunos usam os manuais tanto para estudar para os testes como para fazer trabalhos, nesta entrevista metade dos professores são dessa opinião, enquanto três professores acham que os alunos não usam de todo os manuais nem para estudar nem para fazer trabalhos e outros três acham efetivamente que eles estudam pelos manuais.

Os manuais devem servir como suporte, ou seja, ter praticamente toda a matéria que é necessária para o aluno conseguir estudar para os testes. No caso dos trabalhos, o aluno deve ser capaz de pesquisar e conhecer novas ferramentas para a elaboração do trabalho.

e) Se pudesse, o que alteraria no manual?

A inclusão de mais textos, o caderno de exercícios deveria ser atribuído juntamente com o manual e que o manual tivesse estruturado de forma a haver uma demonstração de maior interdisciplinaridade como é descrito nas aprendizagens essenciais.

Todos os manuais deviam ter mais exercícios, além do mais na questão dos conceitos no início de cada capítulo deveriam ter o nome dos conceitos escritos como preconizado pelas Aprendizagens Essenciais e depois, ao longo do capítulo, tinham o conceito descrito.

f) Via-se a lecionar sem o manual?

Todos os entrevistados são da opinião que conseguiriam lecionar sem manual.

O manual é um recurso e como tal é uma das ferramentas disponíveis por parte do professor e neste momento existem recursos suficientes em posse do Professor para conseguir lecionar sem recurso ao manual escolar, mas devido à forma como está estruturado, o manual ainda é o recurso mais utilizado pelos professores.

g) Os pais valorizam o manual, ou até podiam concordar em não haver manual para a disciplina?

O manual é um suporte para pais e alunos, os pais valorizam, pois, o manual é um suporte para poderem ajudar os filhos em casa.

O suporte dos pais para poderem ajudar os filhos é efetivamente o manual. Este é uma das poucas formas que os pais conseguem ver como está estruturada a matéria e daí conseguir ajudar os alunos no desenvolvimento dos exercícios ou do estudo.

h) Acha que o manual é essencial para a aula de Geografia?

Na opinião de todos os professores de Geografia, entrevistados, o manual é essencial, em primeiro lugar é um suporte para todos, mesmo quem não usa na sala de aula, é um suporte de ajuda para a preparação da aula.

O manual é essencial para a aula de Geografia devido a vários fatores, como os conceitos, a aprendizagem de análise de gráficos (apesar dos mesmos poderem estar desatualizados), e por fim, para questões de exercícios.

i) Os manuais que tem usado têm sido adequados?

Na generalidade dos professores, têm sido adequados, desde que tenham escolhido o manual adotado pela escola.

Os manuais adotados, de uma forma ou de outra, têm sido adequados para todos os professores, mas existe um entrave - a questão temporal. Entre a saída de novos manuais faz com que fiquem desatualizados, mas sem o recurso dos manuais o ensino seria mais difícil. Nem todas as escolas têm internet suficiente que ajude mais nos recursos digitais e, por fim, o facto dos Docentes quando escolhem os manuais, fazem uma escolha pessoal e logo acham o manual adotado adequado.

j) Quais as fragilidades que encontra, com mais frequência nos manuais de geografia?

O facto de os manuais ficarem desatualizados muito rapidamente, esta questão é o fator negativo dos manuais de geografia, além da questão do aparecimento dos novos recursos como os manuais digitais. Algumas sugestões como o envio por parte das editoras de atualizações.

Outros comentários:

Era ótimo que se mantivesse o equilíbrio entre o digital e o suporte físico. O manual não necessita de ser o único recurso disponível, o Professor deve complementar o manual. Vivemos numa era tecnológica e deve ser aproveitado a favor do Professor e do Aluno, mas evolui tão rapidamente e os manuais deveriam ter um suporte em que as editoras pudessem retificar, assim as questões de desatualização dos manuais estaria ultrapassado, mas existe o problema de algumas escolas ainda não terem internet suficiente para este tipo de trabalho, além de que não seria fácil depois para o aluno ter o recurso do manual ao seu dispor a todo o momento.

A articulação com outras disciplinas também é importante, uma vez que as Aprendizagens Essenciais preconizam que haja articulação entre as disciplinas e os manuais não fomentam a interdisciplinaridade.

Os entrevistados alertam para a importância do manual que, acaba por ser, a ferramenta mais rápida ao dispor do aluno e do próprio professor.

8. Considerações finais

Depois da realização deste trabalho, resta-me afirmar que foi uma mais-valia para a minha formação enquanto estudante/ futuro Professor de Geografia.

O tema estudado é muito interessante, pois permitiu-me analisar vários manuais, em que se começou por estudar a Carta Internacional de Geografia de 1992 e uma das conclusões que cheguei, é que a educação geográfica contribui para que o indivíduo tenha consciência e noção do impacto que, o comportamento pessoal e da sociedade pode ter relativamente a questões ambientais e sociais que ajude no desenvolvimento pessoal. A geografia ajuda a formar cidadãos conscientes do seu papel no mundo e devemos ter em atenção que nós vamos ser quem os vai ajudar nesse sentido. A Declaração Internacional sobre a Educação Geográfica de 2016 vem no seguimento da anterior e aqui o principal objetivo é acrescentar as SIG com um papel fundamental para a Geografia. A partir das Cartas Internacionais da Educação Geográfica, abordei o programa da Geografia, tendo sido feita uma análise à evolução temporal da mesma, partindo com as Orientações Curriculares, que protagonizaram uma enorme viragem no ensino da Geografia, pois viria a uniformizar o ensino em Portugal.

Seguiram-se as Metas Curriculares que foram o documento no ensino mais completo que alguma vez existiu. Apesar das variadas críticas de que constituía um documento que retirava espírito crítico ao aluno, que eram muito fechadas sobre si, que não conseguia nenhuma multidisciplinaridade. São críticas que, na minha ótica, não correspondem à verdade, apesar de ser fechadas sobre si mesmas, a Geografia enquanto disciplina articular entre outras várias disciplinas, pelo que considero que as Metas Curriculares tinham um fio condutor muito importante na lecionação da disciplina. As Aprendizagens Essenciais, que vieram substituir as Metas Curriculares, apesar de ter uma maior interdisciplinaridade e fornecerem ferramentas para dar ao aluno um maior espírito crítico, retiram alguma vantagem ao professor, pois não tem um fio condutor tão linear. Todavia, dá ao aluno a possibilidade de o mesmo ter um maior espírito crítico e ganhar capacidade de análise.

Os manuais são muito importantes, mas não podem ser os únicos recursos a serem utilizados pelos Professores pois, além de não estarem completos, outros recursos podem e devem ser utilizados, como é possível verificar nas entrevistas acima.

Assim, na parte prática do trabalho, começou-se por estudar os conceitos presentes nos manuais, através das Aprendizagens Essenciais nos cinco livros escolares de 8º ano de escolaridade que, por uma questão de confidencialidade optei por não colocar os nomes, apenas atribuir as letras A, B, C, D e E. É possível concluir que os manuais não preconizam o que é exigido nas Aprendizagens Essenciais, pois não têm todos os conceitos exigidos. Alguns dos manuais têm conceitos distintos que não são exigidos, mas nenhum está completo com os 115 conceitos.

Por fim, procurei a opinião de quem está no terreno, através de uma entrevista a doze professores que lecionam. Foram escolhidos Professores e Professoras dos diversos pontos do país e em fases diferentes da carreira, assim como se procurou equilibrar entre seis professores e seis professoras. Todos são perentórios em afirmar que o manual é importante, mas que se começa a dar cada vez mais importância aos recursos digitais. Também todos afirmaram que o grande problema do manual de geografia é a desatualização, que o tempo que esperam por outro manual faz com que fiquem desatualizados muito rapidamente.

Assim, conclui-se que os manuais são bastante importantes, mas não podem ser o único recurso a ser utilizado pelo Professor pois, além de não estarem completos, outros instrumentos podem e devem ser utilizados.

9. BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

- ALEXANDRE, Fernanda; MIRANDA, Branca (2014). Metas curriculares do 3º Ciclo do ensino básico de Geografia: que contributo para o desenvolvimento de competências ambientais? Livro de Atas do I Congresso Internacional sobre territórios, cidades educadoras e desenvolvimento sustentável. Coimbra: Departamento de Geografia da Universidade de Coimbra
- ALEXANDRE, Fernando; MIRANDA, Branca (2015). As metas curriculares de geografia para o 3º ciclo do ensino básico: um exemplo de regressão epistemológica na educação geográfica, Associação de professores de Geografia e Plátano Editora
- BASTO, Cacilda; CATARINA, Carla; DIAS, Carlos; FERNANDES, Joana (2022). Geovisão 8. Raiz Editora
- CARDOSO, Berta Salomé de Vilar (2020). Currículo, Aprendizagens e avaliação externa na disciplina de Geografia: (DES)Articulações. Faculdade de Educação e Psicologia. Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação
- COLLI, Emanuel; SILVEIRA, Sidnei Renato (2023). Sistema de recomendação de objetos de aprendizagem baseado em estilos cognitivos e na Taxonomia de BLOOM. Revista Educere Et Educare, vol. 18, N.45. Educere 2023. Ahead of Print. DOI: 10.48075/educare.v.18;45.30523
- DIÁRIO DA REPÚBLICA (2006). Define o regime de avaliação, certificação e adoção dos manuais escolares do ensino básico e do ensino secundário, bem como os princípios e objetivos a que deve descrever o apoio sócio-educativo relativamente à aquisição e ao empréstimo de manuais escolares. Consultado no dia 01/05/2023 em: <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/lei/2006-108001419>
- DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO (2023). Avaliação e certificação de manuais escolares. Consultado no dia 01/05/2023 em: [Ano Letivo de 2022/2023 | Direção-Geral da Educação \(mec.pt\)](#)
- ERBOLATO, Mario (2015). Técnicas de Codificação em jornalismo. p.156-170. Consultado em 25/04/2023: <https://cartacampinas.com.br/wordpress/wp-content/uploads/Entrevista-MarioErbolato-Aula-04.pdf>

- ESTEVES, Maria Helena (2021). “Manual Escolar e mudanças curriculares em Portugal: percepção dos docentes de Geografia”. Revista do Centro de Educação UFSC v.46 ISSN: 1984/6444
- FERNANDES, Mário Gonçalves. (2007). “Manuais escolares de Geografia: imagens, cartografia e divisões regionais”. Faculdade de Letras do Porto
- FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti; BELHOT, Renato Vairo (2010). Taxonomia de BLOOM: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos institucionais. Gest.Prod., São Carlos, V.17,n.2,p.421-431, 2010
- GALHARDI, Antonio César; AZEVEDO, Marília Macorin de (2013). Avaliações de Aprendizagem: o uso da taxonomia de Bloom. VIII Workshop de pós-graduação e pesquisa do centro Paula Souza. Sistemas produtivo: da inovação à sustentabilidade
- IGU COMISSION ON GEOGRAPHICAL EDUCATION (1992). Carta Internacional da Educação Geográfica
- IGU COMISSION ON GEOGRAPHICAL EDUCATION (2016). Carta Internacional da Educação Geográfica
- LOBATO, Cláudia; PINHO, Ricardo; OLIVEIRA, Simone (2022). Check-in. Areal Editores
- PEREIRA, António; RIBEIRO, Eva; CUSTÓDIA, Sandra; RIBEIRO, Vera (2022). Geo+8. Porto Editora
- PINHO, Hélio; COSTA, Ana Isabel; BOTO, Anabela Santos; LOPES, António (2022). Planeta 8. Porto Editora
- MARQUES, Teresa Sá; DELGADO, Carlos (2013). Desenvolver o pensamento e a cidadania espacial dos futuros geógrafos – relato de uma experiência prática no ensino da geografia económica e social. Atas do VI Congresso Ibérico da Didática da Geografia. ISBN:978-972-99669-3-4
- MARTINHA, Cristiana (2021). Identificando cinco desafios de investigação em educação geográfica para a próxima década, Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia – MG, V.12, n.22, p.226-233
- MARTINHA, Cristiana (2013). O desenvolvimento do spatial thinking através de manuais escolares de Geografia – notas de uma comparação internacional e

implicações para as políticas em Educação Geográfica em Portugal. CEGOT. 1st International Meeting – Geography & Politics, Policies and Planning

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2018). Aprendizagens Essenciais
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2002). Orientações Curriculares
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2013). Metas Curriculares 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º, 9º ano)
- NUNES, Carlos Américo Ramos (2013). Os manuais escolares de História e de Geografia do secundário face ao desafio das tecnologias da educação. Universidade Lusófona da Humanidades e Tecnologias
- PEIXINHO, Joana Isabel Pinheiro (2011). O processo de avaliação e certificação de manuais escolares. Consultado no dia 30/12/2022 em: https://oreorgpt.files.wordpress.com/2018/08/peixinho_dissertacao.pdf
- PEREIRA, António; RIBEIRO, Eva; CUSTÓDIA, Sandra; RIBEIRO, Vera (2022). Geo+8. Porto Editora
- PINHO, Hélio; COSTA, Ana Isabel; BOTO, Anabela Santos; LOPES, António (2022). Planeta 8. Porto Editora
- PORTELA, Carlos. Será que as Aprendizagens Essenciais podem contribuir para a melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos? Consultado no dia 17/12/2022 em <https://www.spf.pt/magazines/GFIS/472/article/1558/pdf>
- RODRIGUES, Arinda (2022). Novo Mapa-Mundo 8. Texto
- SILVA, Juliene Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes (2013). Abordagem qualitativa e geografia, pesquisa documental, entrevista e observação. Scielo Books
- SILVA, Eunice Isaías da; CLAUDINO, Sérgio; CAVALCANTI, Lana (2012). Um olhar sobre a didática da Geografia em Portugal. Revista Polyhonia, V.21/1, Jan./Jun. 2010. Pág. 185 – 200
- TONINI, Ivaina Maria; GONZÁLEZ, Xojé Manuel Souto; CLAUDINO, Sérgio. (2016). Manuais escolares de Geografia de Brasil, Espanha e Portugal: quais as inovações didáticas para o ensino da Geografia. Publicaciones de la Universidad de Alicante. Pág. 869 a 884. ISBN: 978- 84-16724-07-9
- VAZ, Bruno (2014). A importância do manual escolar para o professor e alunos de Geografia e de História no 3º Ciclo. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º
Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

ANEXOS

Anexo I - Caracterização do 8ºC

1. Número de alunos:
2. Média de idades:
3. Sexo: masculino –; feminino –
4. Distância de casa à escola
 - a) Menos de 1Km:
 - b) Entre 1 a 5Km:
 - c) Mais de 5Km:
5. Modo de deslocação para a Escola
 - a) Carro:
 - b) Transporte público:
 - c) Bicicleta:
 - d) A pé:
6. Atividades preferidas
 - a) Cinema:
 - b) Música:
 - c) Computador:
 - d) Leitura:
 - e) Televisão:
 - f) Desporto:
 - g) Estudo:
 - h) Outros:
7. Local das refeições
 - a) Pequeno-Almoço em casa:
 - b) Almoço em casa:
 - c) Almoço na escola:
9. Atividades que gostaria de ver desenvolvidas na sala de aula
 - a) Trabalho de grupo:
 - b) Trabalho de pares:
 - c) Aulas expositivas:
 - d) Aulas interativas:
 - e) Aulas áudio/visuais:
 - f) Pesquisa:
10. Tempo diário de estudo
 - a) Não estuda diariamente:
 - b) Entre 10 e 30 minutos:
 - c) Entre 30 e 60 minutos:

Anexo II - Caracterização do 9ºB

1. Número de alunos: 24
2. Média de idades: 13,91
3. Sexo: masculino – 14; feminino – 10
4. Distância de casa à escola
 - a) Menos de 1Km: 6
 - b) Entre 1 a 5Km: 13
 - c) Mais de 5Km: 5
5. Modo de deslocação para a Escola
 - a) Carro: 10
 - b) Transporte público: 5
 - c) Bicicleta: 7
 - d) A pé: 2
6. Atividades preferidas
 - a) Cinema: 0 citações
 - b) Música: 19 citações
 - c) Computador: 20 citações
 - d) Leitura: 3 citações
 - e) Televisão: 18 citações
 - f) Desporto: 2 citações
 - g) Estudo: 0 citações
 - h) Outros: 1 citação
7. Local das refeições
 - a) Pequeno-Almoço em casa: 24 (a totalidade dos alunos)
 - b) Almoço em casa: 4
 - c) Almoço na escola: 20
9. Atividades que gostaria de ver desenvolvidas na sala de aula
 - a) Trabalho de grupo: 18 citações
 - b) Trabalho de pares: 5 citações
 - c) Aulas expositivas: 1 citação
 - d) Aulas interativas: 8 citações
 - e) Aulas áudio/visuais: 5 citações
 - f) Pesquisa: 4 citações
10. Tempo diário de estudo
 - a) Não estuda diariamente: 2
 - b) Entre 10 e 30 minutos: 16
 - c) Entre 30 e 60 minutos: 6

Anexo III- Planificação a longo prazo Geografia

	Agrupamento de Escolas FINISESC Escola EB 2,3 Carlos de Oliveira Ano lectivo 2012 / 2013	
		

Área Curricular Disciplinar	Ano de escolaridade/turma
Geografia	8º C

Número de aulas previstas		
1.º Período	2.º Período	3.º Período
26	22	22

Conteúdos		
1.º Período	2.º Período	3.º Período
<p>Conforme a justificação registada na acta da última reunião de Departamento do ano lectivo anterior será leccionado no início deste ano lectivo:</p> <p>TEMA B – Meio Natural</p> <p>1.1. Tipos de climas e respectivas formações vegetais</p> <p>Climas quentes Climas temperados Climas frios</p> <p>Capítulo 2 – Relevos: 2.2. Hidrografia A acção erosiva dos rios Acção do Homem</p> <p>Capítulo 3 – Litoral: 3.1. A Acção erosiva do mar</p> <p>Capítulo 4 – Riscos naturais e prevenção de catástrofes: 4.1 Fenómenos naturais – previsão e prevenção</p>	<p>TEMA C – População e Povoamento</p> <p>Capítulo 1 –Evolução da população e o comportamento dos indicadores demográficos: 1.1. Evolução da população mundial; 1.2. Indicadores demográficos; 1.3. Estrutura etária da população; 1.4. Políticas demográficas.</p> <p>Capítulo 2 – Distribuição e mobilidade da população 2.1. Distribuição da população mundial; 2.2. Migrações: causas, tipos e consequências; 2.3. Grandes fluxos migratórios;</p> <p>Capítulo3 – Diversidade cultural</p> <p>3.1. Factores de identidade cultural 3.2. Relações entre as diferentes culturas.</p>	<p>Capítulo4 – Áreas de fixação humana: 4.1. Urbanização e ruralidade; 4.2. Estrutura das eras urbanas; 4.3. Modos de vida no meio rural e urbano.</p> <p>TEMA D – Actividades Económicas</p> <p>Capítulo1 – Actividades económicas: recursos, processos de produção e sustentabilidade 1.1. Recursos naturais; 1.2. Actividades económicas.</p>
Actividades de enriquecimento e recuperação, provas de avaliação formativa e auto-avaliação	Actividades de enriquecimento e recuperação, provas de avaliação formativa e auto-avaliação	Actividades de enriquecimento e recuperação, provas de avaliação formativa e auto-avaliação

Anexo IV – Planificação de Aula



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Escola: Escola Básica 2,3 Carlos de Oliveira			
Ano: 9º	Turma: B	Data: 15/05/2014	Tempo de aula: 90 minutos
Professor: João Pedro Ferreira Vilão			

Tema: Ambiente e sociedade
Unidade: A escassez e a poluição das águas interiores. Poluição litoral e das águas oceânicas
Sumário: A escassez e a poluição das águas interiores. Resolução e correção de uma ficha. Poluição litoral e das águas oceânicas.

Objetivos específicos:	Conceitos:
Compreender a importância da água. Relacionar o impacto da acção humana com alteração da qualidade da água. Sensibilizar para a necessidade de desenvolver esforços comuns na preservação e gestão do ambiente.	<ul style="list-style-type: none">• Aquífero;• Stress hídrico;• Efluentes;• Eutrofização;• Água potável;• Litoralização;• Marés Negras;• Poluição marinha;• Resíduos tóxicos;

Momentos didáticos:	Recursos:
----------------------------	------------------

<p>No primeiro momento serão colocadas algumas questões-chave.</p> <p>No segundo momento e como introdução será apresentado um vídeo “A escassez da água”.</p> <p>Posteriormente, com recurso a uma apresentação em PPT será abordada a temática de escassez no planeta com diálogo.</p> <p>Com recurso às páginas 53 e 54 do manual serão explorados os documentos “Pressão e escassez crescentes”, “Lagos e rios que secam” e “Mar Aral – Meio século de declínio”.</p> <p>Continuação do PPT sobre a temática das águas interiores.</p> <p>Vídeo sobre ao problema da eutrofização.</p> <p>Neste momento com recurso a página 56 do manual, pretendo explorar em que estados se encontram os rios portugueses.</p> <p>Resolução e correção de uma ficha de trabalho.</p> <p>Para introduzir a temática da poluição litoral e das águas oceânicas irá ser visionado o vídeo “Poluição litoral e dos oceanos”.</p> <p>Como continuação da temática e com recurso a PPT será demonstrada a importância do litoral e do impacto do Homem no oceano.</p> <p>Para terminar resolução da atividade da página 61 do manual (se faltar tempo a actividade pode ser proposta para trabalho a realizar em casa).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Manual escolar; • Computador; • Quadro • Vídeo projetor; • Colunas;
--	---

Avaliação:

Formativa:

- Observação da participação/ cumprimento de tarefas propostas.
- Eventual registo de aspetos significativos.

Escola: Escola Básica 2,3 Carlos de Oliveira			
Ano: 9º B	Turma:	Data:	Tempo de aula: 90 min +45 min
Professor:			

Tema: Contrastes de desenvolvimento
Unidade: Os objetivos do Milénio
<p>Sumário: Os obstáculos ao desenvolvimento.</p> <p>Os objetivos do milénio:</p> <p>-objetivos;</p> <p>-metas.</p> <p>Realização de um trabalho de grupo sobre a evolução da tuberculose no mundo e em Portugal.</p> <p>Realização de uma breve exposição.</p>

Objetivos específicos:	Conceitos:
<ul style="list-style-type: none"> • Relaciona níveis de desenvolvimento com os fatores internos e externos que o condicionam; • Identifica fatores favoráveis e desfavoráveis ao desenvolvimento das regiões mais pobres; • Apresenta medidas/ intervenções que pretendam solucionar problemas concretos que afetam diversas regiões do mundo; • Expressa opinião fundamentada sobre as vantagens e as desvantagens da cooperação internacional; <p>Analisa e reflete sobre exemplos de situações concretas de desigualdades de desenvolvimento de regiões mundiais e sobre possíveis formas de as superar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ONU; • Pobreza; • Ensino universal; • Taxa de mortalidade juvenil; • Sustentabilidade; <p>Desenvolvimento.</p>

Momentos didáticos:	Recursos:
<p>No primeiro momento serão colocadas algumas questões-chave;</p> <p>No segundo momento será apresentado um vídeo “Obstáculos ao desenvolvimento”;</p> <p>Posteriormente, perante uma imagem em powerpoint os alunos têm de indicar aos obstáculos ao desenvolvimento referidos no vídeo anterior.</p> <p>Através de powerpoint será feita a introdução aos objetivos do milénio, onde serão referidos os objetivos.</p> <p>Por e para a restante aula e continuação da próxima irá ser realizado um trabalho de grupo na sala de computadores com o objetivo final da realização de uma exposição no átrio da escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Manual escolar • Computador; • Quadro • Vídeo projetor; • Colunas; • Vários computadores (para a realização do trabalho de grupo);

Avaliação:
<ul style="list-style-type: none"> - Observação da participação e empenho no cumprimento de tarefas propostas. - Registo de aspetos significativos.

Anexo V – Entrevista

Entrevista no âmbito do relatório final do Mestrado em Ensino da Geografia

João Pedro Ferreira Vilão

1. Caracterização:

1. Em que ano terminou o curso (ensino da Geografia)?
2. Há quantos anos dá aulas?
3. Em quantas escolas lecionou?
4. Qual a situação atual (contratado hp, contratada p, qzp, qe)?
5. Em que concelho dá aulas?
6. Dá aulas no público ou no privado?

2. Uso do manual

7. Acha adequado o manual adotado pela escola? Pode justificar?
8. Usa o manual na aula? Com que frequência
9. Se os alunos gostam de usar o manual na aula?
10. Se os alunos usam o manual para estudar para os testes ou para fazer trabalhos?
11. Se pudesse, o que alteraria no manual?
12. Se se via a lecionar sem manual?
13. Se os pais e os alunos valorizam o manual, ou se, face ao preço elevado dos manuais, até concordariam em não haver manual para a disciplina?
14. Se acha que o manual é essencial para a aula de geografia?
15. Se os manuais que tem usado são adequados?
16. Quais as fragilidades que encontra, com mais frequência, nos manuais de geografia?
17. Comentários e outras informações

Anexo VI

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM ENTREVISTA PARA O RELATÓRIO DO MESTRADO EM ENSINO DA GEOGRAFIA

Venho por este meio convidar a participar numa entrevista conduzido por João Pedro Vilão, no âmbito do Relatório de Estágio em Geografia.

A sua participação é voluntária. Leia por favor a informação em baixo, antes de decidir se vai ou não participar na sessão.

Se concordar, pedimos que assine no final.

OBJETIVO DO ESTUDO

O objetivo do estudo é a abordagem curricular e a dimensão didática nos manuais escolares. A informação recolhida será usada para o Relatório de Estágio no Mestrado em Ensino da Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PROCEDIMENTOS

A sessão será gravada. A gravação será utilizada apenas para efeitos de análise dos participantes e servirão apenas como material informativo sem referência às respostas de qualquer pessoa específica. A gravação será mantida separadamente em arquivo que contém informações pessoais sobre os participantes.

Não será feita qualquer associação destes dados com a identificação de pessoas.

TRATAMENTO DE DADOS

O tratamento de dados obtidos garante o anonimato dos participantes, nunca sendo feito qualquer tipo de uso que possa revelar a identidade dos participantes. Nenhum dado será tornado público sem o prévio consentimento dos interessados. Asseguro que qualquer publicação, incluindo a publicação na Internet, nem direta, nem indiretamente, levará a uma violação do anonimato e da confidencialidade acordada. A recolha e análise de dados do estudo serão integrados num relatório de estágio que ficará em acesso público. O relatório não conterà quaisquer dados pessoais que possam revelar direta ou indiretamente a identidade de uma pessoa singular.

CONFIDENCIALIDADE

Qualquer informação obtida no âmbito do presente estudo que o possa identificar será confidencial e não será divulgada sem a sua prévia permissão.

Todos os dados recolhidos serão armazenados de forma a permitir a conformidade com a legislação portuguesa e da União Europeia relativa à proteção de dados e à privacidade.

RECUSA EM PARTICIPAR

É inteiramente livre de participar ou não neste estudo. Se se voluntariar para participar no estudo, é livre de se retirar a qualquer momento sem consequência de qualquer tipo. Também é livre de recusar responder a qualquer pergunta.

IDENTIFICAÇÃO DO REQUERENTE DO ESTUDO

Se tiver qualquer questão ou apreensão com estudo, poderá contactar-me:

- João Pedro Vilão, através do email jpfv1988@gmail.com ou 912394697

Compreendo os procedimentos acima descritos. As minhas questões foram respondidas de forma satisfatória e concordo em participar neste estudo.

Assinatura _____

Local e data: _____

Anexo VII – Verbos de ação, segundo a taxonomia de Bloom

Categoria	Verbo	A	D	B	E	C
Conhecimento						
	Enumerar	0	4	0	9	4
	Definir	0	0	18	17	4
	Descrever	2	7	7	23	1
	Identificar	38	47	55	61	26
	Denominar					
	Listar					
	Nomear	0	0	0	3	0
	Combinar					
	Realçar					
	Apontar	1	1	8	3	3
	Relembrar					
	Recordar	1	0	0	0	0
	Relacionar	1	10	5	4	7
	Reproduzir					
	Solucionar					
	Declarar					
	Distinguir	0	7	5	11	1
	Rotular					
	Memorizar					
	Ordenar	0	3	1	0	0
	Reconhecer	0	1	3	3	0
Compreensão						
	Alterar					
	Construir	1	0	1	12	3
	Converter					
	Decodificar					
	Defender					
	Definir	0	0	18	17	4
	Descrever	2	7	7	23	1
	Distinguir	0	7	5	11	1
	Discriminar					
	Estimar					
	Explicar	9	14	14	39	23
	Generalizar					
	Dar Exemplos					
	Ilustrar					
	Inferir	0	0	0	0	1
	Reformular					
	Prever					
	Reescrever					
	Resolver					

	Resumir					
	Classificar	11	14	25	17	9
	Discutir					
	Identificar	38	47	55	61	26
	Interpretar	59	0	3	2	0
	Reconhecer	0	1	3	3	0
	Redifinir					
	Selecionar	18	2	7	2	3
	Situar	0	0	0	1	0
	Traduzir					
Aplicação						
	Aplicar	0	0	0	6	0
	Alterar					
	Programar					
	Demonstrar	0	0	0	5	0
	Desenvolver					
	Descobrir	75	0	0	0	0
	Dramatizar					
	Empregar					
	Ilustrar					
	Interpretar	59	0	3	2	0
	Manipular					
	Modificar					
	Operacionalizar					
	Organizar					
	Prever					
	Preparar	0	0	0	4	0
	Produzir					
	Relatar	0	0	0	3	0
	Resolver					
	Transferir					
	Usar					
	Construir	1	0	1	12	3
	Esboçar					
	Escolher	0	1	0	2	0
	Escrever					
	Operar					
	Praticar					
Análise						
	Analisar	7	2	1	7	37
	Reduzir					
	Classificar	11	14	25	17	9
	Comparar	5	8	3	11	4
	Contrastar					
	Determinar	0	0	1	1	0

	Deduzir					
	Diagramar					
	Distinguir	0	7	5	11	1
	Diferenciar	0	0	0	1	1
	Identificar	38	47	55	61	26
	Ilustrar					
	Apontar	1	1	8	3	3
	Inferir	0	0	0	0	1
	Relacionar					
	Selecionar					
	Separar					
	Subdividir					
	Calcular	4	2	8	3	6
	Discriminar					
	Examinar					
	Experimentar					
	Testar					
	Esquematizar					
	Questionar					
Síntese						
	Categorizar					
	Combinar					
	Compilar					
	Compor					
	Conceber					
	Construir	1	0	1	12	3
	Criar	0	0	0	1	0
	Desenhar					
	Elaborar	12	0	2	7	2
	Estabelecer	0	3	2	1	1
	Explicar	9	14	14	39	23
	Formular					
	Generalizar					
	Inventar					
	Modificar					
	Organizar					
	Organizar	5	0	0	8	1
	Planear					
	Propor					
	Reorganizar					
	Relacionar	1	10	5	4	7
	Revisar					
	Reescrever					
	Resumir					
	Sistematizar					

	Escrever					
	Desenvolver					
	Estruturar					
	Projetar	1	0	0	0	0
Avaliação						
	Avaliar	0	0	1	0	0
	Averiguar					
	Escolher	0	1	0	2	0
	Comparar	5	8	3	11	4
	Concluir					
	Contrastar					
	Criticar					
	Decidir					
	Defender					
	Discriminar					
	Explicar	9	14	14	39	23
	Interpretar	59	0	3	2	0
	Justificar	5	13	7	7	27
	Relatar	0	0	0	3	0
	Resolver					
	Resumir					
	Apoiar					
	Validar					
	Detetar	0	1	0	0	0
	Estimar					
	Julgar					
	Selecionar	18	2	7	2	3